



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**

**Faculdade de Direito e Relações Internacionais**

**Curso de Relações Internacionais – FADIR**

**Victor Augusto Dejard Mendonça da Rocha**

**O Hip Hop como forma de representação da vida e da luta nas aldeias em  
Dourados.**

**Dourados – MS**

**2018**

**Victor Augusto Dejard Mendonça da Rocha**

**O Hip Hop como forma de representação da vida e da luta nas aldeias em  
Dourados.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Banca Examinadora da Universidade Federal da  
Grande Dourados, como pré-requisito para  
obtenção do título de Bacharel em Relações  
Internacionais, sob a orientação do Prof. Dr. João  
Nackle Urt.

**Dourados – MS**

**2018**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).**

R672h Rocha, Victor Augusto Dejard Mendonca Da  
O Hip Hop como forma de representação da vida e da luta nas aldeias em  
Dourados / Victor Augusto Dejard Mendonca Da Rocha -- Dourados: UFGD,  
2018.  
57f. : il. ; 30 cm.  
  
Orientador: João Nackle Urt  
  
TCC (Graduação em Relações Internacionais)-Universidade Federal da  
Grande Dourados  
Inclui bibliografia  
  
1. Indígena. 2. Demarcação. 3. Hip Hop. 4. Brô MC's. 5. Rap. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



### ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 04 de dezembro de 2018, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, o aluno **Victor A. Dejard M. da Rocha** tendo como título "**O hip hop como forma de representação da vida e da luta nas aldeias de Dourados.**".

Constituíram a Banca Examinadora os professores Dr. João Nackle Urt (orientador), Me. Arthur Banzatto (examinador) e Dr. Mário Sá (examinador).

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado APROVADO.


Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Assinaturas:

  
**Dr. João Nackle Urt**  
Orientador (a)

  
**Me. Arthur Banzatto**  
Examinador (a)

  
**Dr. Mário Sá**  
Examinador (a)

*Dedico aos meus pais e namorada.*

## RESUMO

Este trabalho faz uma análise sobre como o hip hop pode ser uma alternativa de voz para os povos indígenas da aldeia de Dourados no Mato Grosso do Sul através do trabalho do grupo de rap Brô MC'S. A história dos povos indígenas no Mato Grosso do Sul, assim como em todo Brasil é marcada por lutas e massacres. A partir do processo histórico colonial, foi feita uma linha histórica abordando a luta Guarani-Kaiowá no Mato Grosso do Sul com objetivo de evidenciar como se desenvolveu o problema do confinamento, um processo que gerou e ainda gera graves consequências dentro das reservas indígenas do Estado. Na segunda parte deste trabalho, é analisado um estilo de música que busca ser uma ferramenta de voz aos esquecidos em meio à sociedade, o hip hop, que consegue se tornar um movimento politico-cultural de resistência capaz romper as barreiras do entretenimento. Por fim juntando pontos trabalhados nos dois primeiros capítulos, é mostrado como grupo de rap formado por artistas Guarani-Kaiowá da reserva indígena de Dourados, conseguem através da sua tradução sobre o hip hop, criar um estilo original de música com o objetivo de mostrar para o máximo de pessoas, como é a realidade dentro das aldeias através da música.

**Palavras-chave:** Indígena; Demarcação; Hip Hop; Brô MC's; Rap.

## **ABSTRACT**

This study analyzes how hip hop can be an alternative voice for the indigenous peoples from the indigenous village in Dourados, Mato Grosso do Sul, through the work of the rap group Brô MC'S. The history of indigenous peoples in Mato Grosso do Sul, as well as throughout Brazil, is marked by struggles and massacres. Starting from the colonial historical process, a historical line was made approaching the Guarani-Kaiowá struggle in Mato Grosso do Sul in order to evidence how the problem of confinement has developed, a process that has generated and still generates serious consequences within the state's indigenous territories. In its second part, this study analyzes a style of music that seeks to give voice to the forgotten in the midst of society, hip-hop music, which succeeded in becoming a political-cultural resistance movement capable of breaking the barriers of entertainment. Finally, connecting the topics analyzed in the first two chapters, it is shown how the rap group formed by Guarani-Kaiowá artists from the Dourados indigenous territory can, through their conception of hip-hop, create an original style of music with the aim of telling their reality in their village to the largest number of people they can through music.

**Keywords:** Indigenous; Demarcation; Hip-Hop; Brô MC's, Rap.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1. Capítulo I – Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul.....</b>	<b>11</b>
1.1 O Início da Luta.....	12
1.2 Companhia Mate Laranjeira.....	12
1.3 A Criação das Reservas Indígenas.....	14
1.4 O Crescimento da Agricultura e da Pecuária no Estado.....	17
1.5 Impactos na vida dos Guarani e Kaiowá.....	20
1.6 A Demarcação dos Tekohas.....	23
1.7 Situações de Extrema Pobreza e Violência.....	24
<b>2. Capítulo II – O Hip Hop como Linguagem de Luta.....</b>	<b>27</b>
2.1 A História do Hip Hop.....	28
2.2 Organização Zulu Nation.....	30
2.3 Elementos Básicos da Cultura Hip Hop.....	31
2.4 No Brasil.....	32
2.5 Hip Hop e Cidadania.....	34
<b>3. Capítulo III – Brô MC's e Questões Culturais.....</b>	<b>39</b>
3.1 Brô MC's.....	39
3.2 O Primeiro Contato com o Hip Hop.....	40
3.3 Surgimento do Grupo.....	41
3.4 Música, Dificuldades e Repercussão.....	42
3.5 Questões Culturais.....	45
3.6 Cultura Underground.....	46
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>52</b>
<b>ENTREVISTAS REALIZADAS.....</b>	<b>57</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho veio da instigação e das inquietações que senti após três meses praticamente vivendo nas aldeias Jaguapiru e Bororó, onde fiz parte da produção de uma série de TV baseada na história do grupo de rap Brô MC's.

Este trabalho intitulado “O hip hop como forma de representação da vida e da luta nas aldeias de Dourados” tem como finalidade apresentar questões históricas e atuais que evidencia o quanto esse estilo musical pode ser uma ferramenta de voz aos povos indígenas de Dourados através do rap feito por artistas Guarani-Kaiowá. A história dos Guarani-Kaiowá no estado do Mato Grosso do Sul é cercada por dificuldades, problemas e lutas, o que os torna um povo de muita força e resistência. O hip hop surge de um contexto de crise. A intenção deste trabalho é fazer uma ligação entre a história indígena com a cultura hip hop, além de apresentar a história e as motivações do grupo Brô MC's mostrando como eles representam realidade da reserva e avançam sua luta política através do rap.

A metodologia aqui aplicada é basicamente qualitativa, com um estudo exploratório sobre a temática indígena no estado e o surgimento da cultura hip hop. Também foi aplicada a pesquisa qualitativa, com a realização de uma entrevista com o grupo buscando entender as motivações, interesses e particularidades de cada integrante para montar um grupo de rap dentro da reserva indígena de Dourados.

A questão colonial, dentro da qual se inserem as relações entre povos indígenas e as sociedades coloniais, é um tema emergente nas Relações Internacionais. Especialmente para o curso de Relações Internacionais da UFGD, esse tema é recorrente, pois além de ultrapassar fronteiras, envolver países e organizações internacionais aborda um elemento estruturante da vida nas periferias do sistema internacional - também chamadas por vezes de “Sul Global” - que é o impacto das colonizações passadas e presentes. Existe ainda o fato dos Guarani e Kaiowá viverem dentro da cidade de Dourados e serem percebidos constantemente no seu cotidiano.

Estruturei a presente monografia em três capítulos. No primeiro, fiz um estudo traçando uma linha histórica sobre as questões indígenas no Mato Grosso do Sul, mostrando como se consolidou um processo que gerou e ainda gera graves consequências para os indígenas. O segundo capítulo explora o surgimento do hip hop na década de 70, expondo como esse estilo deixa de ser apenas musical para se transformar em uma cultura mundial que representa a resistência. Mostrei como o estilo chega ao Brasil e como ocorreram as

traduções levando em consideração vários aspectos explicitados durante o capítulo. Na terceira parte do trabalho, me concentrei em explorar aspectos da entrevista que fiz com o grupo, e fiz uma análise dessas narrativas, intercalando aspectos dos dois primeiros capítulos, buscando revelar que através de mecanismos sociais e culturais o hip hop pode ser uma ferramenta de voz e luta para os povos indígenas.

## **CAPÍTULO 1- POVOS INDÍGENAS EM MATO GROSSO DO SUL**

A história dos povos indígenas no Mato Grosso do Sul (MS), assim como em todo Brasil é marcada por lutas e condições desfavoráveis. No Mato Grosso do Sul que é o objeto de estudo deste capítulo, os povos indígenas sofreram durante sua história, um profundo processo de diminuição e perda das suas terras, tendo como consequência o confinamento dessas pessoas. Além desse encurralamento forçado, a população indígena vive de forma precária à mercê da sua própria sorte.

O processo de perda de terras fez com que os indígenas fossem mandados para outros lugares, áreas essas, totalmente descaracterizadas, sendo privados da sua subsistência tradicional, pois não existem mais, matas, pescas, caça e nem outros elementos naturais característicos de onde os índios tiravam somente o necessário da natureza para a sua sobrevivência. Com a subsistência tradicional prejudicada, “eles são forçados a buscar, em atividades externas, a alimentação para suas famílias, pouco se importando com as condições, com a remuneração e com os direitos que fazem jus pela prestação de serviços”. (PAULETTI et al., 2000, p. 45)

Para entendermos a luta, o sofrimento, as condições e a realidade da população indígena no Mato Grosso do Sul, temos que direcionar o nosso foco para a questão das terras indígenas.

A questão da terra é crucial. O encurralamento a que foram submetidos os povos indígenas nas últimas décadas é inaceitável. Comunidades inteiras estão sobrepondo áreas superlotadas, de conflitos internos, violentos muitas vezes, de perseguição a práticas culturais próprias, especialmente religiosas, de suicídios, principalmente de jovens. Muitas famílias indígenas, especialmente Guarani e Kaiowá, estão em fundos de fazendas, sobrevivendo de trabalhos esporádicos. Para uma saída viável, a continuidade física e cultural destes povos, deve-se centrar prioritariamente toda atenção necessária para a questão das demarcações dos territórios. A terra é vida para o índio. Nas áreas reocupadas pelos Guarani e Kaiowá o suicídio não é a realidade macabra das reservas superpovoadas. (PAULETTI et al., 2000, p. 46)

Para discernirmos a importância do assunto sobre a demarcação das terras indígenas e as causas da pobreza, violência, marginalização e suicídios dentro das aldeias, precisamos voltar lá trás e seguir uma linha histórica, apresentando os pontos com maior relevância, para assim entendermos a situação atual nas aldeias de Mato Grosso do Sul, especialmente as aldeias de Dourados.

## 1.1- O INÍCIO DA LUTA

No ano de 1822, logo após a independência do Brasil, foi estruturada a província de Mato Grosso que inclui o atual Mato Grosso do Sul. No entanto foi na década de 1830 que começou efetivamente o povoamento por não índios nas terras que hoje formam o nosso estado. Embora houvesse um início de povoamento por não índios nessas terras, não era algo massivo como afirma Brand (2000, p.96) “Apesar do surto colonizador do ciclo do gado, o Estado do Mato Grosso do Sul permanecia pouco povoado”.

O sul do Estado do Mato Grosso permaneceu pouco povoado até a Guerra do Paraguai<sup>1</sup>. Nas palavras de Brand: “A Guerra do Paraguai, em 1864, alterou o isolamento de parte importante da Grande Dourados” (2000, p. 97). Durante a guerra, muitos soldados paraguaios e brasileiros percorreram pela região do atual Mato Grosso do Sul e conseguiram enxergar o grande potencial dessas terras. Com o fim da Guerra do Paraguai, a notícia se espalhou rapidamente e iniciou-se, assim um intenso processo de migração regional para essa área. Ao fim da guerra, grande parte dos combatentes, especialmente os paraguaios continuavam por estas terras e se empregaram como mão-de-obra na Cia. Matte Laranjeiras, também retornaram os pecuaristas que haviam fugido do território durante o conflito.

A Guerra do Paraguai, conflito que assim ficou conhecido, ocorrido em grande parte do território guarani e kaiowá, trouxe para a região todo o tipo de pessoas e interesses, que no pós-guerra acabaram por criar raízes. Para os Guarani e Kaiowá foi, sem dúvida, um marco na investida contra seu território sagrado. Também foi uma tentativa de extermínio, pois além de lhes tomar a terra, tirou a vida de muitos. Muitos sem saber o porquê da luta. (PAULETTI et al., 2000, p.56)

## 1.2-COMPANHIA MATE LARANJEIRA.

Com o fim da Guerra do Paraguai, a comissão de limites começa os trabalhos de demarcação das fronteiras secas entre Brasil e o Paraguai. Como afirma Pauletti et al., (2000), o senhor Thomaz Laranjeira, gaúcho de Santa Maria, trabalhou nessa comissão

---

<sup>1</sup> A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul no século 19. Nesta guerra o Paraguai lutou contra a Tríplice Aliança formada por Brasil, Argentina e Uruguai com o apoio da Inglaterra. Esse conflito teve seu início no ano de 1864, partindo da ambição do ditador paraguaio Francisco Solano Lopes, que tinha como objetivo aumentar o território paraguaio. A guerra teve seu fim no ano de 1870, com a derrota do Paraguai e a morte do comandante Solano Lopes. (SILVA, não paginado)

demarcatória de limites como fornecedor de mantimentos e no desempenho de sua função acabou conhecendo bem toda a região. Ele logo percebeu grande potencial nessas terras, notou grande abundância de erva-mate<sup>2</sup> nativa e a grande presença de índios Guarani e Kaiowá que manuseiam diariamente a erva, o que fez Laranjeira olhar para os indígenas como uma ótima oportunidade de mão de obra.

Toda aquela riqueza nativa chamou a atenção de Thomaz Laranjeira, que viu ali a chance de explorá-la comercialmente. Logo após as demarcações de fronteiras em 1874, Laranjeira iniciou na criação de gado bovino no sul do Mato Grosso, em seguida começou a explorar a extração e industrialização da erva-mate no Paraguai, entretanto seu desejo era explorar os ervais do sul do Mato Grosso e “por intermédio do Visconde de Maracajú, seu antigo chefe na comissão demarcatória dos limites, conseguiu a concessão para explorar os ervais, no dia 09 de dezembro de 1882, através do decreto n.81.799. A indústria expandiu-se do dia para a noite, chegando até a década de 1940”. (PAULETTI et al., 2000, p. 58)

Laranjeira não cessava, ele queria ter maior domínio sobre essas terras e aproveitou de suas influências políticas para aumentar sua exploração sobre os ervais, através de contratos de concessão bem mais amplos que os primeiros. Como afirma Brand (2000), a área de concessão era continuamente ampliada, sempre com apoio de políticos influentes da região e foi dessa forma que a indústria ervateira de Laranjeira chegou ao território dos Guarani e Kaiowá. Ainda que a maior parte da mão de obra nos ervais tenha sido de trabalhadores paraguaios, ocorreu em várias regiões a participação de indígenas na exploração da erva-mate.

A Cia. Mate Laranjeira foi o “começo do fim” na vida dos indígenas do nosso estado, com anos de monopólio na exploração da erva-mate, aumentando sua riqueza durante anos, sendo responsável pela fundação de cidades, além da exploração, também teve o domínio sobre as terras arrendadas, não permitindo que estranhos se instalassem naquelas terras sem a aprovação da companhia, o que a princípio foi bom para o povo indígena.

Pauletti et al., (2000) afirma que a partir do momento em que houve um aumento significativo na produção dos ervais no sul do país, com a chegada da estrada de ferro Noroeste e com a mudança política no estado do Mato Grosso, que a Cia. Matte Laranjeira

---

<sup>2</sup> A erva-mate é um vegetal nativo encontrado em uma vasta região brasileira e é consumida como chá-mate (quente ou gelado), chimarrão ou tereré. Essa erva já era utilizada pelos indígenas como bebida estimulante e fonte de alimento, quando os europeus aqui chegaram.

deu início ao seu declínio. Foi no governo de Dom Francisco Aquino de Corrêa que foi eleito por meio de acordos de títulos de propriedades dentro da área de concessão que foram expedidos aos posseiros que ali estabeleceram, ignorando totalmente a presença dos indígenas. É nesse ponto da história que podemos considerar como o “início da luta” indígena por seus *Tekohas*<sup>3</sup>.

Passada a guerra à notícia de terras fartas e “desabitadas”, somadas as constantes lutas políticas em que o Rio Grande do Sul era palco, trouxe milhares de migrantes. Historiadores narram que levas de gaúchos, sozinhos ou acompanhados, viajavam meses, passando por terras argentinas e paraguaias, a cavalo ou a pé, para chegar ao Mato Grosso. Alguns afirmam que, à época, cerca de 10 mil sulistas teriam vindo, ao que denominaram de nova querência. (PAULETTI et al., 2000, p. 58)

Durante a Segunda Guerra Mundial a Argentina estabeleceu reduções à erva-mate brasileira gerando dificuldades para a indústria ervateira de Laranjeira. Getúlio Vargas assume o governo nos anos 30 mudando a mentalidade no que diz respeito essa região e anulando a concessão da Cia. Matte Laranjeira iniciando o fim de um notável monopólio. O domínio da Companhia mantém-se até 1943.

Com a revolução de 1930, no governo de Getúlio Vargas, com as mudanças de mentalidade da região e com a desapropriação das instalações de Guaíra, serviço de navegação que a Companhia Mate-Laranjeira mantinha no Alto Paraná, inicia-se o fim de um grande monopólio. Novos núcleos populacionais surgem na região, atraindo centenas de pequenos produtores rurais, interessados nas ricas matas e no solo que se mostrava propício à lavoura e a criação de gado. Infelizmente, mais uma vez, a revelia da existência dos índios. (PAULETTI et al., 2000, p. 58)

### 1.3- A CRIAÇÃO DAS RESERVA ÍNDIGENAS.

Segundo Brand (2000), com o fim do domínio da Companhia Mate Laranjeira, surgem novos negócios na região, atividades essas que tiveram um enorme impacto negativo

---

<sup>3</sup> Em Guarani, a palavra *Tekoha* significa “o lugar onde somos o que somos”. É a maneira como os povos Guarani e Kaiowá referem-se à sua terra tradicional. No *Tekoha* deve haver matas (ka’aguy), com frutas para a coleta, plantas medicinais águas piscosas, matéria-prima para seus artefatos, áreas para plantio da roça familiar ou coletiva, para a construção de suas habitações e lugares para atividades religiosas. (CONSEA, 2017. p. 04)

na vida dos indígenas dessa região até os dias atuais: a derrubada das matas fechadas para a criação de fazendas.

Essas atividades geraram um enorme processo de dispersão das aldeias e o desmantelamento das grandes famílias que ali viviam. Apesar do grande impacto que a Companhia Mate Laranjeira teve na vida dos indígenas, afetando todo um sistema social e tradicional dos índios daquela região, conseguiu impedir que a população não indígena que chegavam progressivamente na região, se aproximasse dessas terras.

O monopólio da Mate sobre o território, a truculência de seus agentes de segurança privada e a natureza da atividade econômica impediram o avanço de comunidades não-indígenas sobre as terras tradicionais guarani e kaiowá, no Brasil, e pai-tavyterã, no Paraguai. Além disso, a empresa não seguia ideais civilizadores. Por ironia do destino, a situação colonial sob o domínio da companhia ervateira evitou que os grupos indígenas fossem expulsos de seus territórios, bem como que fossem alvo das violências emancipatórias que caracterizavam a catequese ou a ação do Serviço de Proteção ao Índio. (URT, 2015, p. 252).

O Serviço de Proteção aos Índios, o SPI, foi criado pelo decreto nº 8.072, de 20 de junho de 1910. Tinha como função, proteger e pacificar grupos indígenas em áreas recentes de colonização, mas não era exatamente dessa forma que funcionava. “Na prática a ação do SPI, significou uma tentativa final de “limpar” as terras para que colonizadores e outros interessados concluíssem a posse do território Guarani e Kaiowá.” (PAULETTI et al., 2000, p. 59)

O SPI criou oito reservas no início do século passado com a finalidade de aldear os Guarani e Kaiowá. No início houve resistência da população colona em relação à criação das reservas, Urt explica como esse discurso foi mudado por parte dos colonos. Nas palavras de Urt (2015, p. 250):

As primeiras reações da população colona foram contrárias à criação das reservas. Mas uma vez consolidadas as demarcações, os colonos rapidamente passaram a manejar o discurso de que “lugar de índio é nas reservas”, como meio de legitimar para si mesmo o esbulho crescente das terras indígenas.

Esse processo de retirada dos indígenas de seus *tekohas* foi um processo coercitivo e inaceitável por parte dos indígenas que tentavam resistir a esse deslocamento forçado para as reservas. O SPI chegou a elaborar diversas vantagens com o objetivo de seduzir os Guarani e Kaiowá para as reservas.

O SPI passou a criar também inúmeros incentivos e atrativos nas reservas, como assistência médica, desenvolvimento de projetos econômicos, inserção de máquinas agrícolas e outros. Contou com o apoio inclusive de missões religiosas, que se instalaram próximas às reservas e que também atuava no convencimento dos indígenas. Quando o convencimento não surtia os resultados esperados, e também concomitante a este, apelava-se à força física pura e simplesmente. (PAULETTI et al., 2000, p. 60)

A transferência de indígenas para dentro das reservas foi o modo encontrado para favorecer os colonos, a fim de obter posse de toda aquela terra fértil e propícia à lavoura. “O deslocamento para dentro das reservas, localizadas ao redor dos postos estabelecidos pelo SPI, era a fórmula mágica para criar espaços vazios numa região densamente ocupada por aldeias kaiowá/guarani.” (BRAND, 2000, p. 119).

Algo importante de se destacar sobre a criação das reservas ao sul do Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul<sup>4</sup>, é que esse processo gerou muitos conflitos já que o SPI não tinha tanta preocupação com o bem estar social e tradicional dessas pessoas durante o processo de confinamento desses povos, eles estavam mais preocupados em gerar espaços vazios para o desmatamento e a criação de fazendas, tudo questão de interesses. Como afirma Pauletti et al., (2000), esse processo de expulsão dos indígenas dos seus territórios sagrados, resultou na perda de seus *tekohas*, o que gerou muitos conflitos internos de autoridade em meio a famílias extensas, adicionando isso ao forte controle do Serviço de Proteção aos Índios dentro das aldeias que resultou em várias situações graves de violência dentro das reservas.

Assim, o SPI criou nas reservas diversas situações potencialmente conflitivas: reuniu não apenas povos diferentes, com diferentes relações com o território (kaiowá, que se consideram nativos, e guarani, vindos de terras próximas), mas também povos historicamente inimigos (Kaiowá e Terena). Reuniu também famílias que não faziam parte de um mesmo *tekoha* e que, por isso, tinham maior ou menor grau de rivalidade, que se resolvia na distância, na competição amistosa ou na autoridade de grandes xamãs. A ação da Mate Laranjeira teve como consequência o fim definitivo do isolamento para os povos indígenas na região. Surgiram novos núcleos populacionais de colonos, que intensificaram a ocupação e a exploração da terra. Surgiram os bolicheiros (proprietários de bolichos), pequenos comerciantes que frequentavam terreiros kaiowá periodicamente. A perda do acesso aos meios de subsistência tradicionais e o surgimento de novas necessidades levou os Kaiowá e os Guarani a vender sua força de trabalho em diversas circunstâncias, dificultando o cumprimento de deveres tradicionais particularmente pelos homens. Era a prática da *changa*, o trabalho temporário nas

---

<sup>4</sup> A fundação do estado do Mato Grosso do Sul foi realizada durante o regime militar no Brasil onde buscava promover um melhor desenvolvimento regional. Com o processo de divisão do estado do Mato Grosso em duas unidades federativas, ocorreu a fundação do Mato Grosso do Sul. Esse processo ocorreu no dia 11 de outubro de 1977 com a sanção presidencial de Ernesto Geisel, então comandante da ditadura militar que governava o Brasil desde 1964. A divisão em questão só foi concretizada em primeiro de janeiro de 1979.

reservas. Entre 1919 e 1927, os Kaiowá trabalharam na implantação da linha telegráfica e na abertura de sua rodovia de apoio, cujo o traçado foi mantido pela BR-163. Trabalharam até na derrubada de matas e em outras atividades desenvolvidas nas fazendas. (URT, 2015, p. 251).

Esse método danoso encurralou os povos Guarani e Kaiowá. Eles foram escorraçados de suas terras, terras essas sagradas, associadas ao seu modo de ser e viver. Com o crescimento da presença estatal, tentaram transformá-los em mão-de-obra para trabalhar para os mesmos colonos que os expulsaram e se apossaram dos seus territórios. Como afirma URT (2015), os índios que viviam nas reservas eram obrigados a trabalhar para fornecer sustento para o posto do SPI “isto é, tinham que produzir renda indígena para custear as despesas do indigenismo estatal. Agrupados e obrigados a gerar renda, os índios nas reservas tornaram-se estoque de mão-de-obra barata à disposição dos colonos.” (URT, 2015, p. 252). Sim, o Serviço de Proteção aos Índios, o órgão que deveria ajudar a trazer pelo menos, o mínimo de proteção e dignidade aos indígenas, negociava com os próprios colonos para que os índios trabalhassem nos ervais e nas fazendas.

#### **1.4-O CRESCIMENTO DA AGRICULTURA E DA PECUÁRIA NO ESTADO.**

Nos anos de 1930, Getúlio Vargas assume o poder e começa a praticar uma nova política de expansão dentro do nosso território já que a economia e a população brasileira basicamente se concentravam nas regiões litorâneas do sul e sudeste do país, com isso as regiões norte e centro-oeste faziam parte de um interior pouco habitável.

No governo de Getúlio Dornelles Vargas, inicia-se o processo de ocupação dos espaços “vazios”, atraindo trabalhadores rurais movidos pela possibilidade de se tornarem proprietários de suas terras. Desse modo, a distribuição gratuita de 30 ha a colonos, com a campanha “marcha para Oeste”, proporcionou a chegada de colonos de várias regiões do Brasil. (SALLES, 2011, não paginado).

Essa política de expansão tinha como proposta fundamental, urbanizar o oeste que era pouco habitável e depois rumar para o norte do país e fazer o mesmo trabalho, no entanto não deu tão certo quanto no centro-oeste.

Salles (2011), afirma que a marcha buscou criar conexões entre essas regiões recentemente “colonizadas” com as regiões litorâneas, construindo malhas rodoviárias, trazendo incentivos para que ocorresse um maior aumento populacional, transformando essa

região em uma região agrícola, buscando aumentar a produção de alimentos para abastecer o país e para a exportação de produtos que eram produzidos nesta região.

A região da Grande Dourados também foi de grande importância na campanha “Marcha para o Oeste”. Em 14 de fevereiro de 1941 foram constituídas as Colônias Agrícolas Nacionais, Através do Decreto lei nº 3.059. Como parte complementar deste projeto o governo criou a Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND, pelo Decreto Lei nº 5.941, de 28 de outubro de 1943. A princípio a CAND iniciou suas atividades pela fase da demarcação de suas terras, e os trabalhos para implantação ocorreram por 13 anos.

Também foram criadas estradas, dentre elas a estrada de Dourados – Rio Brillhante BR, 163 e mais de 200 km de estradas vicinais. Sendo composta de duas zonas, sendo que a primeira zona começou a ser ocupada logo no início de 1944, perfazendo uma área de 68.572 ha e 8.798 m<sup>2</sup> e a segunda zona que só começou a ser ocupado partir de 1950. Perfazia uma área de 199.113 ha, ambas emancipadas em 26/06/1968. A primeira zona teve um desenvolvimento rápido, devido à implantação de infraestrutura, principalmente na demarcação dos lotes, localizada na região da Vila São Pedro, município de Dourados. Já na segunda zona surgiu primeiro um povoado chamado Vila Brasil (onde hoje se localiza o município de Fátima do Sul) em que a demarcação de lotes foi um processo mais demorado. Apesar de as duas zonas serem do mesmo processo de colonização agrícola, ambas tiveram uma povoação bem distinta. (SALLES, 2011, não paginado).

A CAND acelerou o desenvolvimento na região da Grande Dourados proporcionando “não só o desenvolvimento demográfico e econômico da região, mas também cultural, visto que milhares de brasileiros de diversas partes do país e um número significativo de imigrantes dentre os quais, os mais relevantes foram os japoneses, que aqui se fixaram em torno de um objetivo comum - o trabalho com a terra – porém cada um contribuindo para o enriquecimento da diversidade cultural desta região.” (MENEZES, 2011, p. 05). E a vida dos indígenas no Mato Grosso do Sul seria impactada de forma negativa mais uma vez, dessa vez com a intensa colonização. Brand (2000), afirma que com o fim do domínio da indústria ervateira de Thomaz Laranjeira, outras atividades começaram a despontar na região. Atividades que atingiram a vida dos indígenas e que refletem até hoje, a derrubada e a implantação de fazendas. Além da iminente povoação da região e do extenso desmatamento das terras para a produção agrícola, ocorreu um aumento significativo de conflitos entre índios e não índios.

Em 13 de setembro de 1943, mediante ao decreto-lei presidencial n. 5.812, cria o Território Federal de Ponta Porã, dando novo ânimo aos sulistas, que aqui se estabeleciam e que já manifestavam a intenção de separar-se do governo mato-grossense, constituindo assim uma província autônoma. O ato do governo federal

estimulou e terminou por oficializar uma das principais invasões do território do Povo Guarani e Kaiowá. Os limites abrangiam quase a totalidade das terras guarani. Junto com a administração do governo territorial, vieram inúmeros imigrantes estimulados pelos incentivos fornecidos. Objetivando facilitar o aproveitamento de terras férteis, da nascente povoação de Dourados o governo federal, pelo decreto n.5.941, de 28 de outubro de 1943, implanta a Colônia Federal de Dourados, então território de Ponta Porã. Designa uma área de 300 mil hectares, divididas em dez mil lotes de 30 hectares cada, que foram cedidos a migrantes, aproximadamente 10 mil famílias, vindos de todas as partes do Brasil. (PAULETTI et al, 2000, p. 60)

Segundo Pauletti et al., (2000), o incentivo que foi dado aos colonos, também foi oferecido para os pecuaristas de vários estados do país, que foram chegando e derrubando matas, trazendo os bois, construindo cercas nos lotes de terras e semeando os pastos. Também se utilizaram da mão de obra indígena. Com as fazendas formadas os índios se viam cada vez mais encurralados e acabavam sendo forçados a viver nos interiores das reservas através da remoção forçada.

No fim do ápice dos trabalhos de derrubadas que ocorreram nas décadas de 1960 e 1970, “a mão de obra indígena foi canalizada para a roçada dos pastos e o plantio de pastagens exóticas. E, finalmente, durante a década de 1980, os índios passaram a ser a mão-de-obra preferida para os trabalhos de plantio e colheita da cana nas usinas de álcool.” (BRAND, 2000, p. 108). Brand (2000), afirma que ao contrário do que acontecia nos trabalhos de derrubadas e na criação de pastos onde era gerado um “esparramo” da população indígena, nas usinas de álcool era exigido a concentração e o confinamento dos indígenas, pois as atividades dessas empresas consomem quase toda a mão-de-obra deles.

“No período caracterizado pelo “esparramo”, que vai aproximadamente da década de 1950 a 1970, período também de implantação das fazendas, inúmeras aldeias kaiowá/guarani foram destruídas e seus moradores dispersos. Famílias extensas foram desarticuladas. Evidentemente, esses moradores dispersos não encontravam mais as condições necessárias para manterem suas práticas religiosas coletivas e específicas, especialmente os rituais de iniciação dos meninos e meninas. Por essa razão inúmeros adultos hoje não são mais portadores do tembetá. Com o fim do desmatamento e, portanto, do “esparramo”, o processo se inverteu. As fazendas estavam formadas e a presença de famílias e aldeias indígenas, mesmo que nos fundos das fazendas, representou um atrapalho. Assim, os Kaiowá/Guarani foram, compulsoriamente, confinados dentro das reservas, extinguindo-se qualquer alternativa de oguata (caminhar) ou de buscar outros refúgios. Esse processo atingiu o seu auge durante a década de 1980. (BRAND, 2000, p. 108).

Em poucas décadas os guarani e kaiowá perderam a posse de milhões de hectares de terras para os fazendeiros que ali chegavam. Brand (2000), também destaca que o problema para os indígenas se tornou diferente dos problemas causados pela Cia. Matte Laranjeira, a ervateira focava na exploração dos ervais nativos que todo aquele território possuía, ao contrário dos colonos que chegaram com violência, desmatando, removendo e dispersando as famílias de indígenas que ali viviam.

### **1.5-IMPACTOS NA VIDA DOS GUARANI E KAIOWÁ.**

Como já foi dito, os indígenas foram privados da sua subsistência tradicional, uma vez que não há matas, pescas e nem caça. “O desmatamento deu nova materialidade para o confinamento nas reservas. Desapareceram as alternativas. Os Kaiowá e os Guarani viram-se expropriados da imensa maior parte de suas terras.” (URT, 2015, p. 257). Sem seus elementos naturais característicos, de onde tiravam somente o necessário da natureza, sua sobrevivência se torna completamente adversa.

As políticas desenvolvimentistas estabelecidas pelos governos locais e federais nunca favoreceram a presença dos indígenas, que são de fato os donos legítimos desse território. Por outro lado vimos que essas terras serviram e servem para enriquecer, colonos, pecuaristas e donos de usinas de açúcar e álcool. “Terras que até a chegada destes, ricas em matas, caça, pescas, frutas naturais, mel e erva mate. Ricas em vida, sonho e esperança dos Guarani e Kaiowá.” (PAULETTI et al, 2000, p. 61).

Aos poucos o paraíso foi invadido, os rios assoreados, as matas derrubadas e a caça e a pesca desapareceram. As terras foram cercadas. Apareceram outros ocupantes. O boi, a soja, o milho híbrido em larga escala, a cana de açúcar. Hoje, o Mato Grosso do Sul, é o maior produtor de gado de corte do Brasil, com 22 milhões de cabeças. Tem uma das maiores lavouras de soja. Produz açúcar e álcool combustível, várias vezes superior ao consumo interno. Riqueza das quais os Guarani e Kaiowá não podem usufruir, plantadas nas terras que antes eram suas e lhes davam todo tipo de alimento para sua subsistência. (PAULETTI et al, 2000, p. 61)

O Serviço de Proteção aos Índios, o SPI<sup>5</sup>, que foi criado para prestar assistência aos índios de todo território nacional, no entanto, serviram muito mais para prestar serviços as

---

<sup>5</sup> O Serviço de Proteção aos Índios o SPI foi extinto em 5 de dezembro de 1967 e substituído pela Fundação Nacional do Índio através do decreto-lei 6.001. O principal motivo da extinção da SPI foi os vários escândalos

políticas desenvolvimentistas do que propriamente dizia a sua sigla, “proteção ao índio”. Conforme afirma Pauletti et al (2000), o SPI “realizou com maestria o seu papel de “limpar” a área, para que ninguém impedisse o “desenvolvimento” da região”. Claramente o confinamento dos indígenas em reservas servia para deixar a área livre para os não índios que chegavam aos montes nessas terras, entretanto o confinamento dos indígenas trouxe grandes mudanças as suas tradições religiosas, sociais e culturais.

Para administrar a justaposição de interesses, lideranças, caciques, engendraram um regime militaresco dentro das reservas. Constituíram e implantaram a figura do capitão. Este constituiu a polícia. Ainda hoje é com os capitães que o órgão indigenista se relaciona, e são quem efetivamente tem poder de mando nas aldeias. Tentaram apagar da mente e da cultura as tradições dos Guarani e Kaiowá, suas próprias formas de organização, Seu respeito pelo chefe religioso. Condenados a viver com 1% (um por cento) de suas terras ainda lutam como Guarani e Kaiowá, buscando sobretudo em suas lideranças tradicionais, nos caciques, nos velhos homens e mulheres, a força para manterem viva a esperança do retorno um dia, para alguns dos seus *tekoha*, que lhes foram usurpados. (PAULETTI et al, 2000, p. 62)

Milhares de índios perderam a vida em massacres, suas fontes de sobrevivência foram destruídas, perderam terras e hoje vivem com apenas 1% (um por cento) delas, com a povoação de todo esse território por colonos, fazendeiros e usineiros. Muitos indígenas foram enganados com promessas, que encontrariam vida melhor dentro das reservas. Como afirma Pauletti et al., (2000), com tudo isso foram criadas dependências mortais com projetos, com o trator, os remédios químicos, as cestas básicas, novas crenças, o álcool e outros, vícios esses que atingiram fortemente a vida dos Guarani e Kaiowá. O Estado Brasileiro, através de interesses e políticas desenvolvimentistas, junto com a ganância de alguns privilegiados, combateram, perseguiram e por fim esqueceram-se dos indígenas.

A ligação com a terra é sagrada, é imemorial. A terra é “mãe”. É o espaço físico apropriado e indispensável, como ponto de referência, para qualquer comunidade. Não se concebe que, por vontade própria, tenham “abandonado”. Ao longo dos anos criaram-se inúmeros mecanismos legais, ocorreram mudanças constantes das normas, que estabelecem os procedimentos administrativos de demarcação dos territórios, que terminaram por ratificar ou até mesmo aguçar o esbulho de áreas de ocupação tradicional, como se estivessem muito mais a serviço de interesses anti indígenas. (PAULETTI et al., 2000, p. 62)

---

em que supostamente alguns dos seus servidores foram considerados como assassinos, ou cúmplices de assassinatos de índios; outros foram considerados corruptos, venais e despreparados. O escândalo maior foi a descoberta pela imprensa de um massacre de uma aldeia inteira de índios Cintas-Largas, em Mato Grosso, na altura do paralelo 11, entre cujos assassinos, a mando de um grande especulador de terras, estava um ex-funcionário do SPI.

Pauletti et al., (2000) afirma que, graças a tradição oral passada dos mais velhos para os mais jovens, faz com que os mais novos entendem sua situação atual, eles se interessam, perguntam e procuram entender todo esse movimento no qual se encontram inseridos, buscando encontrar novas possibilidades para melhorar esse cenário.

A mais assustadora consequência para os Guarani e Kaiowá até hoje é a questão do suicídio. Um dos principais motivos para esse assunto é o cruel encurralamento ao qual foram submetidos ao longo da história. No entanto é um assunto bem delicado, pois como expõe Pauletti et al. (2000, p.63):

Proclamar a verdadeira causa que tem levado os guarani e kaiowá a cometer o suicídio é já se comprometer com a superação da mesma. É acreditar que a vida é possível mesmo em meio a toda situação de morte generalizada, que o sistema dominante impõe não só aos Guarani e Kaiowá, mas a toda parcela de excluídos.

O encurralamento que os indígenas foram submetidos não se trata apenas de diminuição de espaço, esse isolamento trouxe diversas mudanças que se tornaram prejudiciais ao modo de viver do povo indígena. As consequências que esse encurralamento trouxe podem ser listadas através de diversos aspectos que já foram apresentados nesse capítulo, como a violação de direitos e a superlotação populacional dentro das reservas que por si só já são áreas completamente reduzidas. Mudanças socioculturais com base na violência, através das tentativas de doutrinação por parte de agentes do SPI e da intolerância de missionários religiosos. Outro detalhe que atingiu intensamente os indígenas foram os vícios mortais como a propagação de álcool e drogas ilícitas dentro das reservas. Aliado a tudo isso, ainda temos a falta de terra, perda de identidade cultural, pobreza extrema e falta de perspectivas como alguns dos fatores que contribuem para os suicídios.

A forma como vários setores da mídia regional abordam esse tema é outro ponto que deve ser colocado em pauta, pois muitas vezes o suicídio é tratado pela mídia de forma irresponsável.

Outro fator ligado ao suicídio pode ser a maneira como setores da imprensa regional tem dado ampla divulgação aos fatos. Alguns chegam a publicar fotografias de pessoas enforcadas e até mesmo de corpos em estado avançado de decomposição. Para muitos Kaiowá e Guarani, o suicídio não é tema para ser divulgado dessa maneira, pois o ocorrido por uns pode servir de exemplo a outros, sobretudo aos mais jovens. Não por menos, portanto, eles possuem certos procedimentos para lidar com casos tipicamente suicidas, os quais não convêm tratar aqui. Ademais, matérias sensacionalistas sobre episódios dessa natureza chamam à atenção para a construção de imagens distorcidas a respeito dos povos indígenas, como se eles constituíssem sociedades decadentes, bestiais e

autodestrutivas. Embora não haja consenso sobre a temática, o fato é que a preocupação dos indígenas vai ao encontro da orientação de muitos veículos de comunicação respeitados internacionalmente. A exceção parece ser para o caso da morte de pessoas famosas, como ocorreu com Getúlio Vargas, em 24/08/1954, ou do suicídio de pessoas em locais públicos. Não se trata aqui de posicionar-se contra a liberdade de imprensa, pelo contrário, mas de chamar à atenção para a complexidade do assunto frente ao trabalho dos profissionais do jornalismo. (EREMITES, 2011, não paginado)

Como afirma Pauletti et al (2000), o suicídio é fruto do criminoso encurralamento a qual os indígenas foram obrigados a viver. O suicídio tem sido uma triste e macabra realidade. Superar esse problema é apoiar os indígenas a sair desse confinamento, lutem pela retomada de seus *tekohas* para que renovem a esperança na vida que é possível.

## 1.6-A DEMARCAÇÃO DOS TEKOHAS

Nas últimas décadas a demarcação de terras virou um tema muito discutido entre os brasileiros, de um lado, pessoas se posicionam contra a demarcação por acreditarem que a demarcação se caracteriza como uma violação do direito de propriedade e no outro lado dessa questão se encontram os indígenas com todo o peso do seu sofrimento, da sua história e da sua luta nos ombros e os apoiadores da sua causa. Para apresentar o quadro atual de terras demarcadas aqui está uma elaboração feita por Urt. Nas palavras de Urt (2015, p. 264):

O quadro atual de terras reservadas aos Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul, formulado com base em Cavalcante (2013) inclui terras plenamente ocupadas e terras parcialmente ocupadas. Entre as plenamente ocupadas, estão: as oito terras criadas entre 1915 e 1928 (Amambai, Dourados – atualmente dividida nas aldeias Jaguapiru e Bororó, Caarapó/Te'yikue, Porto Lindo/Jacarey, Taquaperi, Sassoró/Ramada, Limão Verde, Pirajuí), que abrigam uma população de 38.525 pessoas em uma área de 17.632 hectares; mais as nove áreas demarcadas após 1980 (Cerrito, Guaimbê, Guasti, Jaguapiré, Jaguari, Panambizinho, Pirakua, Rancho Jacaré, Sucuri), com 5727 habitantes vivendo em 11.361 hectares. Estão situadas nos seguintes municípios do sul do Estado: Dourados, Itaporã, Amambai, Caarapó, Japorã, Coronel Sapucaia, Tacuru, Paranhos, Eldorado, Laguna Carapã, Aral Moreira, Bela Vista e Maracajú.

A demarcação das terras indígenas se tornou saída encontrada para vencer os confinamentos e com o resultado disso, diminuir os casos de suicídios dentro das aldeias do Mato Grosso do Sul. A retomada das terras pode ser considerada como a reconquista do modo de ser e viver.

“Já de longa data este povo vem reivindicando junto ao governo federal a necessidade de se criar grupos de trabalho para proceder a identificação destes territórios. Somente na base da pressão indígena é que alguma coisa tem ocorrido nos últimos anos. As áreas que foram demarcadas e até mesmo homologadas, só o foram porque os Guarani e Kaiowá o conseguiram na luta. Entre 1992 e 1999 retomaram 16 *tekoha*, num total de 14 áreas indígenas.” (PAULETTI et al, 2000, p.65)

Como explica Pauletti et al., (2000), nos locais onde ocorreram as retomadas foi observado que os casos de suicídios foram eliminados e onde os suicídios continuam ocorrendo é exatamente nas áreas superpovoadas onde o encurralamento dos indígenas chegou ao seu limite. Não existe outro caminho a percorrer, a solução encontrada pelos Guarani e Kaiowá é a de retorno às suas terras tradicionais, através de muita resistência e luta. Esperar pelo governo federal ou local é aceitar a possibilidade do suicídio se tornar uma epidemia nas reservas indígenas.

“As retomadas são o único recurso possível para a restauração da paz e da boa vida. Não se trata apenas do direito que a Constituição Federal garante aos povos indígenas, mas, também, da reconstituição de seu modo de viver e ser, da possibilidade de produzir alimentos saudáveis para crianças, de exercitar seu modelo de educação e realizar as responsabilidades dos adultos homens e mulheres, jovens e velhos, cujo destino é a completude do ser.” (RANGEL, 2011, p.21).

## **1.7-SITUAÇÕES DE EXTREMA POBREZA E VIOLÊNCIA.**

A situação atual dos indígenas no Mato Grosso do Sul é de extrema pobreza e violência, com a sua subsistência afetada os indígenas vivem em áreas totalmente transformadas que não se adequam ao modo de viver e ser dos Guarani e Kaiowá, com a redução das suas terras e com suas florestas derrubadas para a criação de pastos para as fazendas, gerou uma grave consequência, que os indígenas não tem mais como tirar o seu sustento da terra e em razão disso eles buscam outras formas para sobreviver, seja em usinas de álcool, seja nas cidades. Como analisa Duprat (2011), o principal problema que os indígenas no Mato Grosso do Sul enfrentam é a identificação e demarcação de terras. “A própria questão dos suicídios, que durante algum tempo se supôs que fosse um traço cultural daquele grupo, hoje há fortes indícios de que esta temática está associada à insuficiência de terras. A reserva de Dourados é talvez a maior tragédia indígena em todo o mundo.” (DUPRAT, 2011, p.24).

Outro fator que relaciona muito bem a questão, violência, pobreza e confinamento é a forma como os confinamentos foram executados. O Serviço de Proteção aos Índios não se preocupavam com a forma em que eram realizados os confinamentos, eles apenas efetivaram esse deslocamento sem respeitar a estrutura organizacional social desse povo, o que gerou graves consequências. O fato é que o SPI estava mais preocupado em abrir terreno para os colonos do que “proteger” os indígenas.

De acordo com os dados do IBGE (2010) o Mato Grosso do Sul tem a segunda maior população de indígenas do Brasil. A aldeia de Dourados que é conhecida por seus problemas de saúde, segurança e pela pobreza em que vivem os índios, se localiza praticamente dentro da cidade. No entanto o motivo da aldeia de Dourados se localizar hoje muito próximo à cidade, se deve ao crescimento urbano acelerado, o que causa grande impacto no território e na vida dos Guarani e Kaiowá. Existem circunstâncias em que os indígenas preferem se deslocar para a cidade tentando fugir de conflitos que são gerados pela coexistência de grupos diferentes, fruto do encurralamento, da extrema pobreza e violência existentes dentro das aldeias. “A alternativa de migrarem para as cidades pode resolver o caso de algumas famílias que encontram trabalho e alguma qualidade de vida, mas no ambiente urbano a maioria se depara com o destino da pobreza representado pela mendicância” (RANGEL, 2011, p.22). Juntando isso ao racismo, alcoolismo, prostituição e várias outras formas de precariedade.

Apesar do avanço na legislação, os indígenas ainda enfrentam ameaças e violações de direitos. Obras e mais obras de infraestrutura ainda vêm impactando seus territórios, projetos de lei federal buscam lhes subtrair as garantias constitucionais e as armas de fazendeiros, madeireiros e mineradores seguem ceifando vidas indígenas. A colonização poderia ter resultado numa catástrofe demográfica incontornável para os indígenas. De fato, o resultado das guerras se somou às doenças na sua população: de aproximadamente 5 milhões de pessoas, vivendo em mais de 1500 sociedades, restaram cerca de 900 mil indivíduos indígenas distribuídos em 305 etnias no Brasil de hoje (IBGE, 2012). (BORGES, 2016, p.308)

Os índices de violência contra indígenas no Mato Grosso do sul são tão aterrorizantes, que pode ser facilmente considerado o caso mais grave de desrespeito aos direitos humanos contra indígenas do Brasil. E quem comete esse crime contra o povo indígena? Segundo Rangel (2011), quem comete é o desenvolvimento, o agronegócio, o progresso, a lei, por ironia é tudo aquilo que o nosso país mais admira e luta. “Ao longo das retomadas das últimas décadas, muitas lideranças foram assassinadas. Muitas mortes

ocorreram em ataques de pistoleiros aos acampamentos, que deixaram outros feridos e espalharam terror entre as comunidades atacadas.” (URT, 2015, p. 267). Não sobram dúvidas de que o confinamento é a real causa da violência e da pobreza nas aldeias indígenas.

Para entender os crescentes índices de violência, verificados entre os Guarani e Kaiowá, nos últimos anos, em Mato Grosso do Sul, é necessário nos remetermos para a sua história recente, marcada por um dos processos mais radicais de confinamento geográfico e cultural. Percebe-se que, nesse processo de espoliação territorial, a demarcação das assim denominadas reservas indígenas, pelo Serviço de Proteção aos Índios, SPI, entre os anos de 1915 e 1928, constituiu-se em importante estratégia de liberação dos territórios indígenas para a colonização, ao total arrepio da legislação em vigor. A violência atinge os Kaiowá e Guarani, em especial a denominada violência interna, hoje, é decorrente desse processo histórico de confinamento territorial, igualmente violento, tornado possível pela histórica convivência e submissão da política indigenista dos diversos governos aos interesses maiores da economia regional. (BRAND, 2011, p. 40)

Os indígenas estão sendo engolidos pelas indústrias, pela soja e pela cana, sofrem com o preconceito, amargam a imposição de costumes e valores, convivem com a violência e massacres, com os vícios. “Ninguém reconstrói o modo de ser do Guarani e Kaiowá a não ser eles mesmos, a partir do que sonham, buscam, lutam, acreditam. É preciso acreditar no protagonismo indígena. No *tekoha* tradicional reacendem-se as esperanças.” (PAULETTI et al, 2000, p. 66). Tudo o que os indígenas buscam, é igualdade e que sua diferença seja respeitada, para isso, anseiam retornar para suas terras tradicionais, pois é no *tekoha* que o Kaiowá e Guarani podem ser felizes.

A colonização não se encerrou, fazendeiros continuam montando milícias para atacar os indígenas. Ainda existe muita luta dos povos indígenas contra o agronegócio, eles continuam esquecidos pelos governos, lutam por autonomia, clamando por demarcação de terras, por reivindicações e maior voz perante o Estado. A luta está longe de acabar, entretanto esse povo é muito forte e continuarão lutando por seus direitos.

## CAPÍTULO 2 – O HIP HOP COMO LINGUAGEM DE LUTA

O hip hop é uma extensão do funk e do soul music, e cada pessoa que nomeei ajudou a formá-lo. Existem quatro entidades que defino como a essência do hip hop: os b-boys e as b-girls, os DJs, os MCs e o grafite. Ao unir meu conhecimento com a Zulu Nation, conseguimos nomear o hip hop como cultura. Ninguém disse que o movimento que iniciamos se chamava hip hop, ninguém o reconheceu como um movimento mundial. Mas ele nasceu no Bronx, em Nova Iorque, embora o rap seja tão antigo quanto o ser humano. Eu gostaria de ver as pessoas prestarem atenção à ciência do hip hop. A parte de conhecimento, o lado político. Eu sempre digo que o hip hop vai se tornar universal, assim como nós nos tornamos uma união galáctica. Mas as pessoas adoram pegar certos rappers como exemplo para demonizar o hip hop, dizendo: “Olhem o que eles fazem em suas próprias vidas”. Hip hop é conhecimento, cultura, entendimento, autoconhecimento, conhecimento sobre os outros. (Afrika Bambaataa)

## 2.1- A HISTÓRIA DO HIP HOP

O Hip Hop não é apenas um estilo musical, é um movimento que se dispõe a ser uma ferramenta de voz e reconhecer quem são os verdadeiros esquecidos em meio à sociedade. “É um movimento plural, inserido em contextos diversos, como em locais que tem alto índice de violência, sendo um agente de transformação social.” (OLIVEIRA, 2014, p. 01). Para quem nasceu em meio à pobreza, violência e todos os tipos de segregações, é uma forma de reproduzir através de uma visão própria o que se vive, o hip hop se adequa a questões políticas, sociais e culturais, buscando mostrar a verdadeira realidade da vida em suas batidas, letras, rimas, no grafite ou até mesmo na dança. Resumidamente, o hip hop é uma forma dos menos favorecidos apresentarem suas questões, adversidades e necessidades enquanto grupos oprimidos e discriminados através não apenas um estilo musical, mas de um estilo de vida.

Esse estilo musical surgiu no início da década de 70 nos subúrbios nova-iorquinos como o Bronx, Harlem e o famoso Brooklyn. Nesse período o capitalismo vivia uma forte crise econômica e os Estados Unidos como grande potência mundial que é foi fortemente atingido por essa crise. Em consequência da crise os Estados Unidos foi um dos pioneiros na ideologia do neoliberalismo buscando assim reorganizar a sua forma de produção. Santos (2011) esclarece que esse período foi definido pelo reordenamento urbano, onde vários bairros carentes foram demolidos para a construção de grandes avenidas e áreas privativas como condomínios fechados, clubes, shoppings centers e etc. Os mais atingidos foram às populações negras que viviam nesses bairros de minorias raciais e com o resultado dessa reorganização, o desemprego, a miséria e a violência tiveram aumento significativo, principalmente nos guetos americanos. Santos faz um paralelo desse contexto de crise com o surgimento do hip hop nascendo assim uma nova forma resistência.

Foi em meio a esse contexto de crise econômica, aumento dos problemas sociais e desestruturação urbana que surgiu o hip-hop. Criado por jovens negros e pobres dos Estados Unidos, inicialmente na cidade de Nova York, o hip-hop é a união de rap (música), break (dança) e grafite. Em sentido literal, quer dizer “movimentar os quadris” (to hip) e “saltar” (to hop). Todavia, para além da literalidade do conceito, essa manifestação foi utilizada como instrumento de resistência, alternativa de lazer e transformou-se num movimento político-cultural de uma parte considerável da juventude negra e pobre americana e, a partir dos anos 1980, em muitos outros países. O hip-hop consubstanciou-se como forma de resistência e organização contra as mazelas sociais, ampliadas pelo advento da reestruturação produtiva e urbana, vividas pelas grandes cidades. Ressaltamos que o hip-hop é, também, fruto de uma herança de lutas e reivindicações que perpassa o movimento de direitos civis liderados por Martin Luther King, a retórica agressiva do líder

negro Malcolm X, da organização e ações ousadas do Partido dos Panteras Negras (Black Panthers), além da influência de ritmos musicais negros como o blues, o jazz e o funk, durante a década de 1960. (SANTOS, 2011, p. 17).

No final da década de 60 várias cidades do Norte dos Estados Unidos receberam grande quantidade de imigrantes predominantemente vindos da Jamaica e de Porto Rico, Postali (2011), explica que esses imigrantes caribenhos vieram fugidos dos problemas políticos e econômicos que enfrentavam em seus países e na busca por uma condição melhor de vida, estes imigrantes buscavam refúgio nos guetos de “Nova York, que já abrigavam muitas famílias afro-estadunidenses cuja história de vida se baseava na luta contra a segregação social que havia existido no país.” (POSTALI, 2011, p. 07). Esses bairros eram de minorias raciais e possuíam diversos problemas relacionados à segurança, pobreza, violência, drogas e infraestrutura devido ao neoliberalismo praticado pelos Estados Unidos. Assim como os diversos problemas existentes nas aldeias de Dourados no Mato Grosso do Sul devido à política de expansão ocorrida no nosso território no início do século passado como foi mostrado no primeiro capítulo deste trabalho, fazendo assim um pequeno paralelo relacionando essas minorias.

Nesse encontro dos imigrantes com a população local, os Jamaicanos ofereceram aos afro-estadunidenses uma nova forma de criticar toda aquela estrutura social na qual eles estavam inseridos sem usar a força e a violência. Postali explica um pouco desse processo de surgimento do hip hop:

O jamaicano Kool Herc e seu parceiro Grandmaster Flash, originário de Barbados, foram os primeiros responsáveis pela música jamaicana nos Estados Unidos. No bairro do Bronx, em Nova York, os disc-jockeys (Djs) organizaram inúmeras festas onde trabalhavam com técnicas como os *sound systems*, mixadores – aparelhos que unem os toca discos e sincronizam os vinis e o *scratch*, movimento de discos no sentido anti-horário, o que produz o som de arranhado. A música de Kool Herc e Grand Master Flash contagiou o público, que desenvolveu maneiras diferenciadas de dançar. Durante as apresentações, os Djs falavam de acordo com o ritmo da música e ofereciam o microfone para os dançarinos participarem dos discursos. Os dançarinos por sua vez, procuravam organizar frases rimadas relatando o cotidiano do Bronx. O modo de criar rimas improvisadas acompanhadas de um som combinado foi denominado *freestyle* e passou a ser uma das principais características da cultura musical que surgia no território norte-americano. Juntando-se e desenvolvendo-se em meio aos elementos culturais norte-americanos, a música jamaicana foi se transformando no que hoje é conhecido como o *rap – rhythm and poetry*, ou seja, ritmo e poesia. Essa prática musical é caracterizada pela improvisação poética sobre uma batida musical rápida, acompanhada ou não pelo som digital, o que faz da expressão oral o elemento mais importante da música. (POSTALI, 2011, p. 07)

Essas festas feitas por Kool Herc e Grandmaster Flash foram o marco para o surgimento do hip hop, porém os DJs não foram os responsáveis pelo nascimento do estilo, e sim um frequentador dessas festas, o Afrika Bambaataa<sup>6</sup>. “O afro-estadunidense Kevin Donovan, que trocou sua gangue pela arte de rua e seu nome por Afrika Bambaataa.” (POSTALI, 2011, p.08).

## 2.2-ORGANIZAÇÃO ZULU NATION

Afrika Bambaataa foi o grande responsável pelo nascimento do hip hop e na década de 70 ele era uma figura tão ativa nesse meio, devido às festas organizadas pelos Djs Herc e Grandmaster Flash, como já foi dito anteriormente, que decidiu fundar uma organização chamada *Universal Zulu Nation*, essa organização tinha como ideal inicial trazer ajuda, solidariedade e diversos incentivos para diminuir a violência através do hip hop nesses bairros pobres de Nova Iorque, posteriormente se tornou uma organização mundial disseminando essa cultura em vários lugares do mundo, como por exemplo na França. Segundo Leal (2007):

Em 1973, Bambaataa fundou a Universal Zulu Nation, uma organização não governamental que teve como lema a frase “Paz, Amor, União e Diversão”. Nessa organização - ainda existente -, Bambaataa reuniu DJs, dançarinos, MCs e grafiteiros, além de promover palestras sobre diversos temas como matemática, economia, prevenção de doenças entre outros. (apud POSTALI, 2011, p. 08).

Postali (2011), explica que não existe uma data específica para o nascimento do hip hop, no entanto consultando o site da *Universal Zulu Nation* eles informam que o surgimento do movimento está completamente relacionado com a organização, que escolheu o dia 12 de novembro de 1974, exatamente um ano após a fundação da organização, como a data de aniversário do hip hop.

---

<sup>6</sup> Conhecido como o padrinho do hip hop e o inventor do electro funk, Afrika Bambaataa é um Dj que espalhou a cultura do hip-hop nos anos 80 através de seu grupo Universal Zulu Nation.

### 2.3- ELEMENTOS BÁSICOS DA CULTURA HIP HOP.

O hip hop possui alguns pilares que funcionam como base desse movimento, pois ao contrário do que muita gente pensa, esse estilo não é manifestado apenas pela música, existem outros tipos de linguagem capazes de estabelecer o que cada artista quer manifestar com maior perfeição. Esses quatro elementos essenciais são: o grafite, o rap, o dj (*disc-jockey*) além do break. Existem outros elementos que dialogam bem com a conjuntura desse estilo, como por exemplo, o beat box, “um tipo de percussão vocal que consiste na simulação de sons de bateria, efeitos eletrônicos, instrumentos de sopro e outros, utilizando apenas técnicas com a voz, a boca e a cavidade nasal.” (POSTALI, 2011, p. 09). No entanto, aqueles quatro pilares citados anteriormente são à base do hip hop, sendo cada um deles fundamentado a partir de agora.

O grafite é uma expressão plástica manifestada por desenhos e sua galeria urbana são as paredes e muros das cidades. Desenhos que expressam mensagens, manifestos, protestos em forma de imagens. “As paredes e os muros das cidades se tornam espaços culturais que vinculam identidades e adquirem função tanto social quanto artística no âmbito da denúncia social.” (SANTOS, 2010, p.07). Mesmo constantemente marginalizado o grafite é um posicionamento artístico, educativo e cultural nas ruas.

O *rap – rhythm and poetry*, ou ritmo e poesia, é representado pelo mestre de cerimônia (MC) ou apenas, rapper. Ele desempenha a aplicação da linguagem no movimento, podendo ser considerado “a consciência”, “o pensamento” do hip hop. Para se tornar mestre de cerimônia, não basta apenas ter facilidade com a rima ou com a improvisação, ele deve estudar muito, sempre buscando a informação, para passar a sua mensagem da melhor forma ao ouvinte. A função dele é denunciar as mazelas da sociedade, fazer críticas sociais ou políticas através da rima, seja ela composta ou improvisada. “Por sua capacidade de expressão, muitas vezes, as pessoas acabam resumindo o movimento hip-hop a ele; é comum usarem este termo para fazerem referência ao rap.” (BORRI, 2015, p. 48).

O *break* é representado pelo b-boy e a b-girl. Esse elemento é o responsável pela linguagem da dança, como foi explicado no início deste capítulo, o hip-hop tem sua origem na música jamaicana que por si só tem um ritmo dançante, aquelas festas de ruas no início dos anos 70 trouxeram esse conceito de dança de rua. Borri (2015), ao falar sobre esse elemento explica que “a sua forma de expressão é através do corpo que segue uma batida

musical. Sabe-se que esse estilo de dança foi desenvolvido por adolescentes que não conseguiam imitar seus pais na dança *soul*, e que começaram a fazer movimentos que lembravam um robô.” (p. 48). Essa dança também possui inspiração nos movimentos da guerra, sendo assim uma das formas de protesto encontrado nesse pilar do hip-hop.

Os *disc-jockeys* que são mais conhecidos pela sigla “DJ” são os responsáveis pela batida, pela sincronia, pelo som, dando vida ao rap e ao *break*. Borri (2015) esclarece que o surgimento do rádio vem de encontro a figura do DJ. Sendo eles os responsáveis pelas festas de rua como já acontecia nos primórdios do estilo com os djs Kool Herc e Grandmaster Flash que são os grandes responsáveis por essa técnica através da tecnologia. Sousa, explica o surgimento dos *disc-jockeys*, da técnica e como funciona essa arte:

Nessa época, um jamaicano de nome Clive Campbell, que mais tarde ficou internacionalmente conhecido como Kool Herc, levou da Jamaica para os Estados Unidos a técnica do sound system. Os fundamentos dessa técnica consistem na utilização de um par de pick ups, isto é, dois toca-discos interligados, dois amplificadores e um microfone, tudo isso para gerar maior potência e alcançar uma melhor qualidade do som. Esse sistema foi amplamente utilizado até meados dos anos 1970, quando as festas e reuniões nos bairros eram um importante elemento aglutinador para os jovens de baixa renda. Por essa época, o DJ Kool Herc já havia feito escola e contava com uma legião de seguidores. Atribui-se a um desses seguidores, Grandmaster Flash, algumas importantes descobertas para a cultura hip-hop. Sua primeira inovação foi o *scratching mixing*: uma técnica de sobreposição e mixagem de sons de um disco aos de outro que já esteja tocando. Essa técnica permite que o DJ (disc jockey) utilize um fone de ouvidos para pré-selecionar uma faixa enquanto o equipamento toca outro disco. A quebra de ritmo e as abruptas interrupções amiúde verificadas nas festas são minimizadas com a introdução dessa técnica, já que, no exato momento em que uma música está acabando, outra já está saindo nos alto-falantes. Outra importante contribuição também atribuída a Flash foi a introdução do *scratch* no universo da música contemporânea. (2011, p.31).

Esses são os quatro elementos essenciais para a construção da cultura hip hop, segundo Afrika Bambaataa, existe um quinto elemento essencial, no entanto será citado mais à frente neste capítulo.

## **2.4-NO BRASIL.**

O hip hop chegou ao Brasil nos anos 80, essa década ficou conhecida como a “década perdida” fazendo referência à estagnação econômica que a América Latina viveu nos anos 80, sendo sinônimo de crise, pois nessa época a economia se encontrava estagnada e os índices de inflação e desemprego aumentavam cada vez mais. Assim percebemos o quanto o hip hop ganha força em cenários de crise, como a crise que ocorreu nos Estados

Unidos na década de 70. Coutinho e Araújo (2011) desenvolvem bem o surgimento desse estilo no Brasil.

Por volta de 1982 o rap chegou ao Brasil, fixando-se, sobretudo, em São Paulo. Nesse momento, pouco se sabia sobre o movimento hip-hop, que para os brasileiros se resumia ao break. Os eventos de dança de rua aconteciam ao som da música importada. Entre 1983 e 1988, os b.boys começaram a experimentar rimas próprias, já que a música em inglês era, para eles, incompreensível. Como não dispunham de equipamento de som para executar as bases, a solução encontrada era “bater latinha”, prática que, de alguma forma, relacionava-se à tradição percussiva brasileira. Surgia, assim, a primeira modalidade do rap brasileiro, o tagarela, que não tardou a ser reprimido pela polícia, o que de certo modo predispunha os rappers a se organizarem. Uma nova fase do movimento será inaugurada em 1988 com a criação do MH2O (Movimento Hip-Hop Organizado) por Milton Salles. No mesmo período começam a chegar ao país as canções do NWA e do Public Enemy. As rimas pesadas, a batida forte e o caráter rebelde desses grupos despertaram nos rappers e b.boys brasileiros a curiosidade pela história do hip-hop. A biografia de Malcolm X e o filme sobre os Black Panthers passam a ser considerados fundamentais na formação dos integrantes do movimento, como afirma Gas-PA, do coletivo Lutarmada. Tão importante quanto a forma ou a linguagem hip-hop, era a assimilação do seu conteúdo histórico, sua visão de mundo marginal. (COUTINHO; ARAÚJO, 2011, p. 50)

Postali (2011), explica que por se tratar de uma manifestação que opta pelo discurso da resistência, o hip hop se torna exclusivo em cada lugar que o adotou como forma de linguagem. Esses grupos segregados se identificam com o estilo, mas cada grupo tem sua particularidade, por isso essa questão da exclusividade, pois o hip hop busca sempre pendular para a realidade local de cada grupo que adota essa linguagem crítica como um estilo de vida, ou seja, o hip hop no Brasil conseguiu obter um estilo próprio.

Nesse período, as pessoas no Brasil possuíam pouca informação sobre o que era o rap, o estilo hip hop, assim como outros estilos de música que chegavam ao nosso país nessa mesma década, como o *punk rock* e o *hardcore*, fazendo com que as pessoas tivessem que se arranjar por conta própria como, por exemplo, se corresponder através de cartas com outras bandas ou pessoas do movimento, para compartilhar ideias e informações a fim de fazer o movimento crescer e poder reproduzir esse tipo de som. Postali, explica bem essa temática do pouco acesso a informação existente na década de 80.

O hip-hop chegou ao Brasil no início da década de 80, por meio de equipes responsáveis pela organização de bailes e de poucas revistas e discos comercializados na cidade de São Paulo. O movimento começou com o encontro de jovens, em sua maioria afro-brasileiros, na rua 24 de Maio. Esses jovens se reuniam para praticar o *break*, fazendo da dança o primeiro elemento a ser praticado no Brasil. Na medida em que o *break* ia se popularizando, a busca por novidades tornava-se acirrada entre os DJs, que competiam para tocar sons cada vez mais diferenciados. Porém na década de 1980, quase não havia produtos e

informações referentes ao movimento hip-hop. Assim, o acesso ao conteúdo estadunidense só era possível através de viagens e poucos discos e revistas importadas. (2011, p. 10)

Postali (2011), ainda esclarece que pela pouca informação existente na época fez com que as músicas reproduzidas no Brasil não apresentassem discurso de resistência o que foi mudando com o crescimento da globalização, o acesso à informação aumentava progressivamente fazendo com que esses grupos marginalizados que estavam surgindo simbolizarem a verdadeira resistência como conteúdo, fazendo dessa maneira uma melhor tradução do que é o hip hop e como ele será abordado no Brasil a partir desse ponto. “Grupos e DJs como Thaíde, DJ Hum e Racionais MC’s foram os precursores dessa tradução.” (p. 11). Outro ponto importante a ser reforçado, é que dentro do rap existem outros tipos de abordagem dentro da música, por exemplo, letras que falam de amor ou sobre ostentação, mas a verdadeira natureza do hip hop se dá nas letras que propagam pontos sobre resistência.

Essa questão da tradução que os brasileiros fizeram do hip hop, estabelecendo esse estilo ser o que é hoje no Brasil, envolve toda uma temática de assimilação cultural onde uma cultura absorve características de outra cultura criando características próprias e fazendo com que ocorram manifestações do hip hop mesmo que com especificidades diferentes em vários lugares do mundo, entretanto este ponto será aprofundado no próximo capítulo deste trabalho.

## **2.5-HIP HOP E CIDADANIA.**

Voltando ao ponto dos elementos básicos da cultura hip hop, foram explicados os quatro elementos essenciais e como eles funcionam em harmonia para dar base ao movimento hip hop. Existe um quinto elemento essencial, onde Postali (2011) esclarece que de acordo com textos fornecidos pelo site da *Universal Zulu Nation*, revela que os criadores do hip hop tinham a preocupação de que o público não entendesse a verdadeira essência do movimento, isso se deve fato de alguns rappers usar a questão musicalidade do estilo para propagar negatividade. Dessa forma, o idealizador do movimento Afrika Bambaataa, incluiu o quinto elemento essencial da cultura hip hop, o conhecimento que “consiste em esclarecer as pessoas sobre a história e os elementos fundamentais da verdadeira cultura hip hop.” (p. 09).

Cidadania e hip hop caminham lado a lado desde o surgimento do movimento e isso se dá pelo cenário de segregação social que o hip hop buscou escancarar e combater, no início desse capítulo, foi explicado em que contexto hip hop surgiu, servindo como base de resistência para os excluídos, situações onde ocorreu aumento da violência e pobreza.

A proposta de Bambaataa foi a de substituir violência física exercida pelas gangues do Bronx, por disputas intelectuais, ou seja, as gangues passaram a se enfrentar por meio de eventos organizados - ou não -, nos quais seus representantes se enfrentavam através de manifestações culturais. (POSTALI, 2011, p. 10)

Neste capítulo já foi mostrado à história do movimento, quem são seus idealizadores, os elementos e como eles trabalham além de coexistirem entre si para funcionar em harmonia, questões de ideologia do estilo e o surgimento dele no Brasil. Mas há um ponto muito importante que deve ser tratado, pois serve como chamariz para o sucesso do hip hop, é a temática do lazer. Segundo Marcellino (2000):

Como se apresenta hoje, o lazer é fruto da sociedade urbana e é entendido como a cultura vivenciada no tempo disponível das obrigações humanas, combinando os aspectos tempo e atitude, e desenvolvido como uma das áreas de manifestação humana em estreita relação com outras esferas de atuação, como o trabalho, a educação, etc., o que pode exercer valores questionadores na sociedade, assim como, sofrer influências da estrutura social vigente. Pode ser, portanto, um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuem para mudanças de ordem moral e cultural (apud STOPPA, 2005, p.21).

Stoppa (2005), explica que o lazer está diretamente ligado ao hip hop, principalmente em relação à juventude das grandes cidades que é onde se encontram os aficionados por este gênero cultural. Geralmente são pessoas que vivem em locais onde a política pública não os privilegia, onde o espaço para o lazer é limitado e o hip hop acaba servindo como válvula de escape para que essas pessoas possam se divertir encontrando e conhecendo outras pessoas com quem compartilham interesses em comum, experiências e vivências. “Grupos de hip hop funcionam como elemento aglutinador de pessoas com interesses em comum, produtoras de uma cultura viva e atuante.” (STOPPA, 2005, p. 36). É uma forma de inserção na sociedade, pois o hip hop não é apenas um estilo musical, mas um estilo de vida de resistência, ou seja, ele consegue moldar caráter e fazer parte da formação das pessoas.

Galvão (2011) fundamenta que desde o surgimento desse estilo, o hip hop sempre buscou promover a conscientização coletiva graças a sua natureza política. Como já foi citado, na década de 70 os Estados Unidos cercava-se de um clima conturbado onde a comunidade negra se encontrava inconformada com a segregação racial e a violação de direitos sociais, mais uma vez algo bem similar com o que foi elucidado no primeiro capítulo sobre as questões indígenas no Mato Grosso do Sul. Dentro desse contexto de crise o hip hop ganhou traços de movimento com tendências políticas “voltadas para a organização política da população negra, bem como inovações culturais que percorreram o mundo.” (p. 81).

É interessante ressaltar conforme explicado por Galvão (2011), como o hip hop tem a preocupação social em proporcionar possibilidades para que o cidadão consiga se elevar como pessoa desenvolvendo suas capacidades artísticas ou sociais. Isso é o hip hop busca criar um senso crítico no indivíduo trazendo um olhar verdadeiro sobre a sua realidade além de uma visão mais sensata sobre o mundo.

No Brasil existem alguns *rappers* que fazem e se envolvem com trabalhos sociais voltados para a periferia buscando promover atividades nas áreas de educação, cultura lazer e esportes além de promover a cultura hip hop.

Embora vários *rappers* ou produtores envolvidos com o hip-hop tenham recebido projeção midiática, alguns se tornaram não só referências mas lideranças célebres. Se em muitos momentos o carisma é visto como algo meramente estetizante, esses “marginais midiáticos” evidenciam que ele não é despolitizante. A narrativa que apresentam tem sido capaz de fazer aquilo que o pensamento racional e burocrático muitas vezes não consegue: convencer e mobilizar a práxis. Por isso a importância de destacar aqui a atuação de MV Bill, Mano Brown e Ferréz, que a partir de diferentes formas de atuação se tornaram referências para a cultura e os trabalhos desenvolvidos nas periferias. Não só destituíram os tradicionais porta-vozes da cultura, mas também passaram a disputar o mesmo espaço. (GALVÃO, 2011, p. 83).

O MV Bill é o mais famoso *rapper* carioca, tem um longo e vasto currículo dentro do hip hop nacional. Ele é um dos fundadores do CUFA (Central Única das Favelas) que como informa o site da CUFA, é uma organização brasileira que existe a 20 anos, conhecida nacionalmente e internacionalmente nos campos sociais, políticos, culturais e esportivos. O

site também cita o MV Bill como um dos fundadores ressaltando os diversos prêmios recebidos por ele correspondente à sua ativa participação dentro do movimento hip hop. Eles ressaltam um prêmio em especial onde a ONU (Organização das Nações Unidas) para a Educação, a Ciência e a Cultura o premiou como uma das dez pessoas mais militantes no mundo na última década. O site também cita outros *rappers* e produtores que fazem parte da organização. Esse órgão busca promover atividades dentro das áreas de educação, lazer, esportes e cultura como, por exemplo: os elementos do hip hop como o rap, grafite, *break* e DJ, além de outras atividades como o basquete de rua, o audiovisual, literatura e vários outros projetos sociais muito bem explicados no site da CUFA.

Mano Brown encara a forma de fazer cidadania por outra perspectiva como explica bem Galvão (2011), Mano Brown é identificado como uma das maiores e importantes influências dentro do hip hop nacional “considerado a voz da periferia pobre de São Paulo” (p. 84). Esse *rapper* é avesso ao sucesso midiático, raramente dá entrevistas, pois ele acredita que o verdadeiro trabalho é aquele feito dentro das comunidades como esclarece Galvão (2011). Ele é líder e vocalista de um dos maiores grupos de rap do Brasil, os Racionais MC’s que como o site deles informa, é um grupo brasileiro de rap que surgiu no final dos anos 80 com o discurso de denunciar o racismo e o sistema capitalista opressor que patrocinava a miséria que estava diretamente relacionada com o crime e a violência, além da parte musical, eles organizam trabalhos dentro das comunidades, realizando palestras sobre vários temas como racismo e violência entre outros temas recorrentes. Aqui podemos enxergar o quanto tradução brasileira do hip-hop se tornou eficaz com o crescimento da globalização e como essa tradução possui tantas especificidades.

Ferréz é uma pessoa totalmente ligada ao hip hop, Galvão (2011) expõe que Ferréz já fez parte de vários grupos de rap, mas que seu prestígio se deve a literatura, onde se transformou em um dos maiores autores da nova geração da chamada literatura marginal, escrevendo livros voltados para o público periférico usando a linguagem da periferia. Ele é inquieto em relação à questão do fortalecimento do pensamento crítico, defende que a periferia fale por si, com sua linguagem, sem a interferência de pessoas cultas.

Após citar três diferentes lideranças do hip hop brasileiro e mostrando todo o engajamento social deles, Galvão conclui que:

A partir de diferentes formas de atuação e divergindo em vários momentos, MV Bill, Mano Brown e Ferréz mostram antes de tudo, que não se deve esperar uma

homogeneidade dentro do hip hop. Entretanto, isso não impediu que eles se tornassem exemplos dos novos tipos de liderança. Lideranças com projeção midiática que tem conseguido dar voz às favelas e periferias. A visibilidade dos resultados que obtêm a partir do trabalho que realizam tem sido significativa principalmente para uma parcela expressiva de jovens moradores da periferia. Ao elaborarem seu próprio discurso evidenciam o grau de autonomia conquistado pelas classes subalternas, deixando a posição de objeto para se tornarem sujeitos de sua própria fala, propondo a visão e versão alternativas aquelas produzidas pelos setores hegemônicos. Por isso caberia enxergá-los a partir do conceito de “intelectuais orgânicos” tratados por Gramsci – aqueles que, gerados por sua própria classe social, conseguiram exercer a função de liderança moral e intelectual em prol da coesão e do fortalecimento da consciência dessa classe. (2011. p. 84-85).

O hip hop se tornou uma cultura popular em praticamente todo o mundo, sendo “um movimento político-cultural de resistência que ultrapassa as barreiras do entretenimento.” (BORRI, 2015, p. 113). Esse movimento não é somente olhado e escutado por negros, pobres e segregados, mas se tornou um estilo de vida praticado por pessoas privilegiadas, das mais variadas classes, cores e etnias, servindo do mesmo modo, como um agente de transformação e mudança, se esses indivíduos privilegiados mesmo não sendo protagonistas desse movimento que é por direito da periferia, conseguem entender o mundo pela visão do hip hop, que resumidamente seria utilizar o entretenimento para criar senso crítico e ajudar na formação das pessoas. Isso significa que se essas pessoas que estão olhando para o movimento como algo maior que a música, conseguirem respeitar as particularidades e diferenças dos outros, olhando com bons olhos o lado periférico, tendo empatia e o interesse de ajudar, buscando ser uma resistência junto com o movimento, visando tornar o mundo um lugar melhor. Mesmo que essas questões sejam consideradas utópicas por muitos, se houver algum tipo de mudança na vida de quem está inserido nesse movimento, significa que o hip hop está cumprindo o seu papel com maestria.

### **CAPÍTULO 3- BRÔ MC'S E QUESTÕES CULTURAIS.**

Esse trabalho se encontra chegando ao ponto chave da discussão. No primeiro capítulo, foi feita uma linha histórica abordando diversas questões sobre os indígenas no estado do Mato Grosso do Sul, com o intuito de esclarecer os motivos dos indígenas do MS, se encontrarem na situação em que se encontram hoje, especialmente os indígenas que vivem nas aldeias da cidade Dourados. No capítulo seguinte discutimos e analisamos o movimento hip hop, como ele surgiu, o movimento no Brasil, suas ideologias, como se propagou culturalmente pelo mundo, como essas traduções do estilo se desenvolveram no Brasil, expondo como um estilo nascido na década de 70 nos Estados Unidos sob um período de crise se adaptou a cada realidade local dos que o adotaram como um estilo de vida.

Agora nesse capítulo que está se iniciando, faremos um sincronismo sobre os dois primeiros capítulos, abordando suas semelhanças e questões socioculturais, apresentando o objeto de estudo deste trabalho: o grupo de rap indígena Brô MC's descortinando como a música de quatro jovens indígenas, moradores das aldeias Bororó e Jaguapiru, pode se tornar uma grande ferramenta de representação da vida e da luta nas aldeias em Dourados.

#### **3.1-BRÔ MC'S.**

As aldeias Jaguapiru e Bororó ficam situadas próximo ao perímetro urbano de Dourados, segunda maior cidade do estado do Mato Grosso do Sul. “Com mais de 11 mil pessoas vivendo em 3,5 mil hectares, a reserva indígena de Dourados está longe da imagem idílica de uma aldeia espaçosa de natureza exuberante e muito próxima da realidade das favelas das grandes cidades.” (NAVARRO, 2011). A similaridade da aldeia com as grandes favelas das cidades não é pequena, visto que os altos índices de violência, assassinatos, exploração do trabalho infantil, preconceitos, consumo de álcool e drogas infelizmente fazem parte do cotidiano destas pessoas. Vivendo sob esse contexto de crise nasceu dentro da reserva indígena de Dourados o rap do grupo Brô MC's, formado por: Bruno, Clemerson, Charlie e Kelvin. Os rapazes seguem muito bem a cartilha de como o hip hop deve ser, se adaptando a realidade local de quem o adota como um grito de resistência em meio a todas as dificuldades e lutas que o seu povo enfrenta.

### 3.2- O PRIMEIRO CONTATO COM O HIP HOP.

A música é um formato de expressão, uma forma de energia e sentimento que não tem como explicar, pois esse envolvimento é algo tão complexo, que quando você ouve um determinado estilo de música pela primeira vez e sente uma forte energia e identificação, como se você e esse estilo tivessem nascido um para o outro, assim é a música, das formas de arte, talvez seja a mais direta quando o assunto é sentimento.

Em entrevista<sup>7</sup> feita com o grupo, Bruno líder e fundador do Brô MC's, explica um pouco desse sentimento em relação ao rap quando ouviu o estilo pela primeira vez. Bruno conta que o primeiro contato com rap foi no final dos anos 90 através de um programa chamado “Ritmos na Batida” que existia em uma rádio douradense.

A gente ouvia aquele programa chamado “Ritmos na Batida”, uma rádio FM de Dourados (...). Teve uma vez que eu estava mudando de faixa, quando tocou uma música diferente [o rap] , eu fiquei prestando atenção e falei: “massa esse som hein”. Daí em diante eu nunca mais parei de ouvir esse programa, o “Ritmos na Batida”. (Bruno Veron, 27 jun. 2017).

Bruno explica que esse programa de rádio, além de ter o influenciado a gostar de rap, fez também com que seu irmão, Clemerson assumisse também o gosto pelo estilo. Kelvin conta que foi bem parecido o seu primeiro contato com o rap, sendo também o rádio o meio de comunicação que trouxe o estilo para a vida do jovem, nas palavras de Kelvin:

O meu primeiro contato foi através de um vizinho, ele tinha um rádio toca-fitas e eles gostavam muito de Racionais MC's (...). Eu ficava escutando de longe e era uma coisa que eu gostava, mas eu não escutava em casa por medo dos meus pais, por preconceito em relação à realidade das músicas e por esse motivo, eu ficava ouvindo de longe e esse foi o meu primeiro contato com o rap. (Kelvin Peixoto, 27 jun. 2017).

Charlie conta que seu irmão o influenciou a gostar de rap. “No começo quando ele começou a ouvir rap, eu estava junto, achei massa a batida e o som, mas não me interessei muito, com o tempo a gente foi escutando e eu comecei a achar louco.” (Charlie Peixoto, 27 jun. 2017). Sendo esse o primeiro contato dos integrantes do Brô MC's com a música hip hop, através do rádio, influenciando quem estava próximo a eles, no caso os irmãos, como qualquer jovem morador de grandes ou pequenos centros urbanos que cresceu nos anos 90.

---

<sup>7</sup> Entrevista feita com o grupo de rap indígena Brô MC's no dia 27/06/2017 após uma apresentação na Universidade Federal da Grande Dourados.

### 3.3- SURGIMENTO DO GRUPO.

Com o interesse no rap já manifestado na vida do Bruno, fez despertar nele alguns questionamentos, como por exemplo, o porquê de não ter ninguém falando sobre a realidade que ele vive. Bruno explica como surgiram estes questionamentos:

Eu ouvia o programa de rádio e prestava muita atenção nas letras, ouvia o cara cantando a realidade dele e comecei a me perguntar o porquê de não ter ninguém cantando a nossa realidade aqui, entendeu? Eu não conseguia entender isso, então decidi fazer as minhas [letras], se o cara consegue fazer uma letra dessas, então eu consigo também, entendeu? Daí em diante eu comecei a compor, eu só escrevia, nada de apresentação ainda (...). Depois de um tempo um professor lá da escola né [escola que os integrantes do Brô MC's estudavam] ele chegou e perguntou se eu tinha algo pra apresentar na escola, algo diferente, algo assim né, que não seja típico da aldeia, eu falei pra ele que cantava, ele perguntou que tipo de música, falei que cantava rap, foi quando ele pediu pra eu cantar [para ele], mandei umas rimas em guarani, em português, misturadas né. Ele gostou e me chamou pra fazer uma apresentação na escola. (Bruno Veron, 27 jun. 2017).

Consequentemente ocorreu a primeira apresentação da vida de Bruno, na escola em que estudava mais ou menos no ano de 2006. Bruno conta que Kelvin tinha uma apresentação pronta para aquele dia, pois ele também escrevia, entretanto ele não tinha uma “batida” se referindo à base da música para cantar suas letras em cima e assim poder apresentar o seu rap. Bruno propôs fazer uma mistura durante a apresentação pra ver o que aconteceria. Kelvin explica como foram seus primeiros processos de composição: “Sim, eu escrevia também, só que eu não tinha ainda a noção básica do rap, escrevia como se fosse texto, só que não tinha rima nem nada, mas tinha umas idéias massa, eu tentava cantar esses textos e mesmo tudo saindo fora, eu levava assim.” (Kelvin Peixoto, 27 jun. 2017). Depois dessa apresentação, Bruno conta que os diretores de outras escolas da reserva começaram a fazer convites para apresentações e ele convidava os outros rapazes para se apresentar com ele. O que acabou sendo o embrião do grupo Brô MC's.

No ano de 2009 os quatro rapazes da reserva indígena se reuniram com Higor Lobo, para fazer as primeiras gravações, subsequentemente Higor se juntou ao grupo para trabalhar como produtor e às vezes como DJ vale destacar também que Lobo é uma das grandes personalidades do Hip Hop douradense, integrante do lendário grupo de rap Fase Terminal e com forte ligação a CUFA, organização mencionada no capítulo anterior. Outra pessoa que se juntou ao grupo foi a *rapper* e cantora Dani Muniz que emprestou sua voz para cantar principalmente os refrões melódicos das músicas do grupo.

A origem do nome do grupo faz relação ao fato dos integrantes serem irmãos, os irmãos Bruno e Clemerson Veron que se juntaram com os irmãos Kelvin e Charlie Peixoto para dar origem ao grupo de rap Brô MC's, o primeiro grupo de rap indígena a lançar um CD demo<sup>8</sup> no Brasil.

### **3.4 – MÚSICA, DIFICULDADES E REPERCUSSÃO.**

No capítulo anterior deste trabalho foi dissertado sobre como o hip hop se torna exclusivo em cada lugar que o adota, isso acontece pelo fato do hip hop se tratar de uma manifestação que opta pelo discurso de resistência, isso faz com que em cada lugar em que o hip hop é traduzido, ganhe particularidades locais e isso o torna uma forma de representação da vida.

No caso do Brô MC's essa tradução você já percebe visualmente no jeito que os integrantes se vestem nas apresentações, roupas largas o que é culturalmente marca registrada do hip hop pelo, acrescentando detalhes indígenas que eles usam pelo corpo, como colares, pulseiras, pinturas características pelo corpo, cocares e etc.

Na música do grupo, você percebe que as batidas, tem a base característica do hip hop com a soma de instrumentos típicos da aldeia como flautas, apitos e chocalhos. As letras falam sobre a realidade vivida nas reservas, sobre a relação do índio com a terra e a natureza, críticas aos fazendeiros e a mídia, questões históricas, união e representação.

O grupo explica que o processo de composição deles é variado, eles se reúnem para conversar sobre determinado tema onde cada integrante fala sobre o que quer escrever, compõem separados, mas não encerram a composição, pois cada um dos integrantes pode ter algo a acrescentar na letra um do outro, o que torna as composições bem democráticas.

Cada um tem uma visão do que sente [em relação à composição das músicas] cada um tem o seu próprio intelecto (...). Cada um decide fazer uma parte [sobre o tema escolhido por eles para compor] vem o outro e acrescenta uma ideia em cima do que o outro está escrevendo, eu mesmo costumo fazer rap sozinho. A gente vê muitas coisas acontecendo. (Kelvin Peixoto, 27 jun. 2017).

Todos esses assuntos históricos que o Brô MC's costuma abordar em suas músicas foram esclarecidos no primeiro capítulo deste trabalho. Há um trecho nesse primeiro jovens gerando dessa forma maior entendimento da própria história, cultura e da situação atual em

---

<sup>8</sup> CD demonstrativo, uma gravação musical amadora feita em estúdio ou não, geralmente a gravação demo é quem abre os trabalhos de um artista ou banda independente pois os recursos são escassos.

que vivem. Fazendo com que esse senso crítico aflorado nos jovens os ajude na busca por novas possibilidades e ainda podemos dizer que essa busca ajudou no surgimento da música do Brô, tornando ela uma forma de apresentar para os jovens indígenas que gostam desse estilo de música e para pessoas de cultura não-indígena que possuem interesse música deles, a realidade, o cotidiano, os contextos históricos e atuais da aldeia, além das críticas que eles fazem tanto mídia quanto ao agronegócio representando bem a essência que o hip hop trás em seu DNA.

No início da trajetória, logo após a gravação do primeiro CD, o grupo teve que enfrentar a desaprovação das lideranças da aldeia. Cristiano Navarro (Brasil de Fato), em entrevista com o grupo, disserta como se desenvolveu essa primeira situação de dificuldade:

No início da gravação do CD os caciques passaram a criticá-los. “Diziam que esse não era o nosso futuro. Meu avô, que é cacique, veio me perguntar por que a gente gravou isso. Foi aí que eu peguei um CD e falei ‘senta aqui que eu vou mostrar pra você. Presta a atenção nas letras. O que tá falando é coisa da nossa realidade, da nossa cultura’. E depois eu mostrei para todas as lideranças da região e mostrei a música e a letra. Numa reunião onde estavam todas as lideranças, eles falaram: ‘está certo é isso mesmo que acontece’”, relata Clemerson. “Os mais velhos entendem e sabem que a gente tem que mostrar que o índio é capaz em tudo. E pode ser professor, agente de saúde, advogado ou cantor de rap. E que nosso povo não é só isso ou aquilo, a gente é o que pode fazer a diferença”, completa o irmão. (NAVARRO, 2011)

Ainda em relação às dificuldades, eles fazem duras críticas à mídia, principalmente os veículos de mídia aqui do estado, “a mídia só mostram a coisas ruins de dentro da aldeia, eles não mostram as coisas boas.” (Bruno Veron, 27. jun. 2018), eles acreditam que as pessoas dispõem de uma visão distorcida sobre a aldeia e isso se deve a forma como a mídia aborda sobre os assuntos que envolvem a reserva indígena, como relata Clemerson:

A mídia quando vai à aldeia, é pra questão de assassinatos, quando entra alguma coisa de ruim dentro da aldeia, eles só mostram essa parte, é que nem o Bruno falou sobre a parte boa mesmo, a mídia não mostra (...). Eles costumam generalizar o indígena como perigoso, eles querem mostrar para o não indígena que a aldeia é perigosa (...). A gente fala para os brancos ir na aldeia ver como é, para eles entenderem que é de boa, que não é essa visão que a maioria das pessoas tem. (Clemerson Veron, 27. jun. 2018).

Kelvin acredita que é possível usar a mídia ao seu favor através da música, principalmente como um meio de divulgação do trabalho do seu grupo de rap, ajudando a mostrar a verdadeira realidade da aldeia através da música, entretanto, faz questão de

ressaltar que mídia tem muita influência sobre o quesito do preconceito contra indígenas. Nas palavras de Kelvin:

Acredito que sim [sobre usar a mídia ao seu favor através da música]. Bom a minha opinião é que a mídia é o que mais influencia na questão do preconceito sobre os indígenas, eu já vi no rádio, na televisão e nos jornais eles falarem que índio é invasor que só querem terras para eles, que os índios só sabem matar, que a aldeia é perigosa e não é assim, eu tenho uns amigos [não indígena] e eles perguntam se é verdade que a aldeia é perigosa, eu falo pra eles que é mentira, que isso é conversa, eu tenho bastantes amigos que são brancos e vão lá pra tomar tererê com a gente, passeiam por lá e ninguém enche a paciência. (Kelvin Peixoto, 27. jun. 2018).

A defesa que eles fazem da aldeia, mostrando que a aldeia tem coisas boas e que não são apenas coisas ruins como a mídia mostra, manifesta o quanto o grupo está engajado em mostrar a realidade da aldeia através do rap, Bruno inclusive faz um paralelo muito interessante sobre esse tema do preconceito citando a vila cachoeirinha, um bairro humilde da cidade de Dourados. “É que nem aqui em Dourados, as pessoas discriminam os caras que moram na vila cachoeirinha e quando você chega lá, não é nada disso que as pessoas falam, é outra visão.” (Bruno Veron, 27. jun. 2017). Mostrando que a aldeia é como qualquer outro lugar e existem tanto coisas boas como coisas ruins.

O Brô MC's cresceu muito desde o lançamento do primeiro CD demonstrativo, tocaram na rádio, fizeram alguns filmes como, por exemplo, “Terra Vermelha” de 2008, tocaram no programa da Xuxa em rede nacional, gravaram alguns vídeos clipes que possuem milhares de visualizações no canal do *youtube*, já tocaram no mesmo palco de Milton Nascimento além de outras das várias conquistas do grupo possui em seu currículo.

No ano de 2016 os quatro integrantes do Brô MC's foram protagonistas de uma série de TV, financiada pela ANCINE<sup>9</sup> que ainda será exibida por canais públicos em todo país, essa série se chama: *Guateka*, sendo totalmente inspirada no início da história do grupo, com cinco episódios, sendo a maior parte gravada na reserva indígena de Dourados e em algumas locações na cidade. Kelvin fala com simplicidade sobre o reconhecimento que o grupo vem construindo:

Uma vez fomos tocar no Rio de Janeiro e tinha uns seguranças lá, acho que era pra revistar as pessoas, eles perguntaram se a gente era do Brô MC's, perguntando onde íamos fazer show de novo, isso foi muito legal. E quando as pessoas assistem o nosso grupo pela primeira vez dá pra perceber que eles estão curtindo, tem pessoas que se emocionam ao vê nossas músicas (...). As pessoas falam pra gente nas redes sociais, “é isso ae, vocês são do Brô e vocês tem que mostrar mesmo da

---

<sup>9</sup> Agência Nacional do Cinema.

nossa realidade, o que se passa aqui dentro da aldeia, vocês tão de parabéns ae”. A gente tem bastante fã. (Kelvin Peixoto, 27. jun. 2018).

Recentemente o grupo foi convidado a participar de algumas apresentações em Frankfurt na Alemanha, a convite do Weltkulturen Museu. O Brô MC's está na cena musical não apenas em busca de reconhecimento e sim para mostrar para as pessoas o que a mídia não mostra sobre a realidade deles.

### 3.5- QUESTÕES CULTURAIS.

Algo muito importante que deve ser abordado é essa questão da cultura indígena se unindo com a cultura do hip hop, o que acaba gerando uma cultura híbrida. Entretanto, isso se deve muito ao avanço da globalização no mundo, o que faz as informações percorrer mais rápido por qualquer lugar, principalmente com o advento da internet, o que se tornou fundamental para os integrantes do Brô MC's divulgar a sua tradução da cultura hip hop.

É rap o que eles fazem? Sim, é rap, mas existe toda uma originalidade estética criada por eles, isso se deve a união dos elementos culturais do hip hop com os elementos culturais indígenas dando início a uma coisa nova no Brasil. O rap indígena, que mistura letras em português com letras em guarani. Navarro (2011) cita o antropólogo Spensy Pimentel, falando sobre o quanto o hip hop tem se espalhado entre as comunidades indígenas da América Latina e como isso tem sido descoberto aos poucos através da internet.

Se no Brasil o Brô MC's é uma grande surpresa no meio do movimento hip hop, em outros países da América Latina, não. O antropólogo Spensy Pimentel, autor do Livro vermelho do Hip-Hop, chama atenção para a penetração do movimento. “A internet tem nos permitido descobrir, pouco a pouco, o quanto o movimento hip hop espalhou-se pela América Latina. Até onde eu descobri, há grupos de rap cantando em língua indígena em lugares como Bolívia (aymara) e Chile (mapuche). Independente da questão linguística, a identificação étnica/racial com a matriz indígena aparece em inúmeros contextos. Há muito rap em favor das comunidades zapatistas de Chiapas, por exemplo, não necessariamente feito por quem mora nas comunidades”. (NAVARRO, 2011)

Entretanto o hip hop não é a única cultura a se juntar com a cultura indígena, existem, por exemplo, muitas bandas de metal indígena pelo mundo com trabalhos lançados pela internet a fora. Mostrando que o metal assim como o *punk*, é um estilo musical que busca desafiar as normas que a sociedade impõe, “artistas indígenas de metal levam

experiências vividas de expropriação, libertação e morte, e as configuram para a música que poderia transmitir bem essas experiências.” (MONTGOMERY, 2018, não paginado).

Em um artigo chamado: Combatendo o colonialismo com *riffs* esmagadores, Montgomery fala um pouco sobre o perfil do metal indígena, mostrando o trabalho de algumas bandas de metal indígena que ela conhece, mostrando que o estilo *heavy metal* assim como o hip hop e o punk, é uma produtiva forma de questionar os valores e a cultura impostos pela sociedade. Montgomery mostra bem essa forma de questionamentos do metal falando sobre a banda brasileira de *black metal* Corubo.

Nenhuma lista de reprodução de metal indígena estaria completa sem incluir o Corubo. Em termos de bandas indígenas de metal, essa banda existe há muito tempo, formada entre 1999 e 2000. Desde sua formação, Corubo representa os direitos indígenas em face da colonização e opressão; sua música é flagrantemente anticolonial, com algumas canções cantadas em guarani (língua indígena) e um foco especial no ambientalismo radical. Os povos indígenas muitas vezes lutam com a soberania da terra e a poluição de suas terras ancestrais, geralmente perpetradas por forças e corporações externas. A incorporação de sons elementares, como a queda de árvores, complementa esse estilo único de black metal bruto. (MONTGOMERY, 2018, não paginado).

Corubo é uma banda de metal indígena brasileira formada na cidade de Ji-Paraná em Rondônia, é bem interessante Montgomery citar uma banda brasileira no meio da sua lista que possui algumas bandas do cenário mundial. Podemos enxergar na leitura que ela fez sobre o Corubo, algumas semelhanças com o Brô MC's, principalmente nas mensagens que eles buscam passar, mesmo sendo estilos tão diferentes.

No instrumental também foi encontrada semelhanças, anteriormente mencionei o fato de o Brô MC's usar bases próprias do hip hop, acrescentando instrumentos típicos da cultura indígena, o que trás a busca pela originalidade. Marques (2015) explica que o Corubo compõem suas músicas em várias línguas como o português e inglês, deixando claro que eles possuem uma preferência pelas línguas indígenas “como guarani paraguaio, tupi, *nheengatu* e *yucatec*.” (2015). No instrumental também existe misturas como os teclados sombrios característicos do *black metal*, para criar “aquela atmosfera obscura enquanto instrumentos indígenas de sopro tocam de forma misteriosa.” (2015).

Tanto no Brô MC's quanto no Corubo o que prevalece é o orgulho pela própria cultura, mesmo tocando em estilos que não fazem parte da cultura indígena percebemos que eles fazem questão de trazer a cultura indígena para inserir no tipo de som que estão fazendo.

### 3.6 - CULTURA UNDERGROUND.

O *underground*, que na sua tradução literal significa subterrâneo é uma expressão usada para caracterizar uma atmosfera cultural fora dos modelos a serem seguidos que as grandes mídias e veículos de massa como a televisão aberta buscam impor a sociedade. Como antagônico do *underground*, encontramos o termo em inglês conhecido como *mainstream* que é a cultura popular, o padrão de pensamento ou gosto dominante dentro da sociedade e o subterrâneo se encontra nesse cenário cultural para quem quer seguir novas alternativas.

O hip hop e o punk são exemplos de movimentos *undergrounds* que surgiram na década de 70 como forma de contracultura, ir contra a cultura que a sociedade busca impor como padrão a ser seguido.

A internet é um grande aliado do movimento *underground*, Staldoni (2018) explica bem como a midiaticização ajudou a propagar a cultura underground no meio social transformando esse tipo de cultura mais palpável para o consumo.

Ao pensarmos a comunicação na atualidade, em contexto de midiaticização, é notório que vivemos em um momento de expansão da utilização da internet para produção, cobertura e divulgação dos mais diversos tipos de movimentos sociais e culturas *underground*. Os discursos feministas, LGBTs, veganos e artísticos fora dos espaços *mainstream* tem conseguido circular mais facilmente pelo tecido social. Assim vemos emergir daí algum tipo de “massificação” desses grupos que normalmente se organizam em nichos. Contudo, ao mesmo tempo em que a midiaticização, aparentemente, contribui ou facilita a circulação desses conteúdos, coloca-os em choque com agrupamentos antagônicos e gera disputas internas e externas. (STALDONI, 2018, p. 01).

Nesse trecho citado, Staldoni explica como a expansão da internet trouxe de certa forma um jeito desses movimentos não se esconderem tanto no “submundo” conseguindo assim bater de frente com o que a grande mídia apresenta. No entanto a internet trouxe novos tipos de conflitos entre essas culturas antagônicas, revelando que essa mudança provocada pelo crescimento da internet, criou novas alternativas e mais amplas para quem busca informação, que antigamente se limitava muito a televisão, revistas e jornais, o que torna esse confronto da cultura subterrânea com a cultura popular um pouco mais igual.

O Brô MC's faz parte do *underground*, uma vez que eles caminham com as próprias pernas, já que com a falta de apoio, incentivos e com a rejeição da mídia, eles seguem a linha do “faça você mesmo” para gravar suas músicas e clipes. Utilizam-se da

internet como o principal meio de difusão e com a ajuda da internet vem conseguindo vencer grande parte dos obstáculos naturais que aparecem na caminhada do grupo. Estão conseguindo repercussão com muito esforço e força de vontade para mostrar a verdadeira luta dos seus semelhantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou debater como o hip hop, um movimento que surgiu como uma ferramenta de voz para ajudar a reconhecer os esquecidos em meio à sociedade contemporânea, pode servir como ferramenta de representação da vida e da luta nas aldeias de Dourados em Mato Grosso do Sul.

Faz 13 anos desde que me mudei para cidade de Dourados, lembro que pouco antes da mudança de cidade, obtive as primeiras informações sobre a cidade através dos noticiários de TV que noticiaram as gravíssimas questões sobre miséria, fome, mortalidade infantil e assassinatos que ocorriam dentro da reserva indígena de Dourados. Infelizmente a situação não é muito diferente na atualidade.

Anos depois comecei a cursar Relações Internacionais na Universidade Federal da Grande Dourados. No início não sabia o que esperar. Pensava até em transferir para outro curso, mas com poucos meses dentro da faculdade me apaixonei pelo curso, pelas pessoas que ali estavam, pela dinâmica com os professores, que sempre foram mais do que professores com os seus alunos. Era uma relação de muito respeito dentro da sala de aula e de amizade fora dela. Não vou negar que houve decepções e problemas pessoais durante o caminho, mas olhando para nesse momento que eu posterguei tanto, agradeço a mim mesmo por não ter desistido no meio dessa estrada da vida que é a faculdade, pois a vontade foi grande. O curso de Relações Internacionais me trouxe como maior lição, que o mundo é muito maior e mais complexo do que o que está à frente do meu nariz. Mudou minha visão sobre muitas questões, me ensinou tantas outras que com toda a certeza encerro esse ciclo da minha vida como uma pessoa muito melhor.

O longo caminho até a escolha difícil de um tema. O temido trabalho de conclusão de curso. No ano de 2016 eu recebi um convite para trabalhar na produção de uma série de TV chamada Guateka, mencionada no trabalho. Essa série foi uma das melhores experiências que eu tive nesses anos como acadêmico de Relações Internacionais, pois me proporcionou o primeiro contato com essa cultura tão diferente, mas que está tão próxima do nosso cotidiano e que muitos simplesmente ignoram. Trabalhei durante três meses, seis vezes por semana e até 15 horas por dia dentro da reserva indígena de Dourados, conheci a realidade local, os integrantes do grupo Brô MC's e muitas pessoas que fazem parte da vida desses rapazes. O primeiro impacto ao entrar na reserva pela primeira vez é de que eu tinha uma visão muito distorcida das coisas ali dentro e que bom que pude mudar esta visão. A

reserva indígena possui muitas coisas boas, da mesma maneira que existem muitas coisas ruins, como em qualquer lugar.

Houve um episódio em que as gravações foram interrompidas por causa de um conflito entre índios e fazendeiros, deixando a situação muito tensa dentro da reserva, após uma reunião os diretores liberaram a equipe para um dia de folga e falaram que estavam se dirigindo a reserva para ficar a par da situação, não hesitei em pedir para ir junto, chegando ao local onde algumas famílias estavam acampadas para fazer resistência frente à invasão, alguns indígenas nos receberam muito sérios, portando facões, arcos e flechas, tinha até uma espada com eles. Logo chegou um dos líderes do acampamento que é pai de dois dos integrantes do Brô MC's contando o quão sério estava à situação, inclusive no informou que havia pessoas da Organização das Nações Unidas (ONU) no local para ajudar a apaziguar o conflito. Naquele momento me dei conta de que estava vivendo às relações internacionais bem diante dos meus olhos e foi exatamente neste momento que decidi sobre qual linha seguiria o meu trabalho.

A história dos povos indígenas no Mato Grosso do Sul é marcada por lutas e massacres. Durante todo esse processo histórico, eles sofreram um enorme processo de diminuição de suas terras, esse processo é conhecido como encurralamento. No primeiro capítulo através de um estudo exploratório com revisão bibliográfica, foi feita uma linha histórica apresentando todos os pontos que gerou esse encurralamento. Vale ressaltar que o confinamento indígena foi feito para “limpar” as terras para os colonos se instalarem no estado o que gerou milhares de problemas na vida dos indígenas que perduram até os dias de hoje. Índio sem *tekoha* é índio sem felicidade.

No segundo capítulo, o hip hop é apresentado não apenas como um estilo musical, mas como esse estilo de vida se tornou um movimento político e cultural de resistência que excede os limites do entretenimento. Nessa parte do trabalho foi encontrada uma grande similaridade histórica da cultura indígena no Mato Grosso do Sul com o hip hop, ambos são sinônimos de luta e resistência. Também foram apresentados os elementos que compõem o estilo, como chegou ao Brasil e como foi feita essa tradução, além de mostrar a sintonia entre hip hop e cidadania através de movimentos sociais.

Após fazer um estudo exploratório sobre a história indígena e do hip hop chegamos ao último capítulo apresentando o objeto de estudo deste trabalho: o grupo de rap indígena Brô MC's. Fiz uma pesquisa qualitativa com o grupo buscando entender os pontos de vista, motivações, particularidades e experiências individuais que fizeram desses quatro rapazes, o primeiro grupo de rap indígena a gravar um CD no Brasil. Foi exposta a primeira

experiência de cada integrante com o rap, como foi feita essa tradução adequando o estilo para a realidade local tornando essa estética visual e musical do grupo uma estética original. Foram abordadas questões culturais, os assuntos tratados nas letras, músicas, dificuldades e repercussão.

Os indígenas buscam através de diversas ferramentas novas formas para que eles possam contar a própria história e a música é uma delas. O trabalho feito pelo Brô MC's e todas as questões abordadas mostram que o hip hop pode sim ser uma forma de representação e da luta não apenas nas aldeias de Dourados, mas em qualquer lugar onde houver resistência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Júlio César. **“A sociedade brasileira nos fez pobres”: assistência social e autonomia étnica dos povos indígenas. O caso de Dourados, Mato Grosso do Sul.** Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 22, n. 46, p. 303-328, dez. 2016. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832016000200303&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832016000200303&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 18 jul. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832016000200011>.

BORRI, Giovanna Teixeira. **HIP HOP: MOVIMENTO POLÍTICO-CULTURAL DE RESISTÊNCIA DA JUVENTUDE E SUA INSERÇÃO NOS SARAUS.** 2015. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

BRAND, Antônio. Os Kaiowá/Guarani no Mato Grosso do Sul e o processo de confinamento: a entrada de nossos contrários. In: CIMI - CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO REGIONAL MATO GROSSO DO SUL (ed.). **Conflitos de direitos sobre as terras guarani e kaiowá no Estado do Mato Grosso do Sul.** São Paulo: Palas Athena, 2000. p. 93–134

CONSEA [Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional]. **Tekoha: direito dos Povos Guarani e Kaiowá:** visita do Consea ao Mato Grosso do Sul. Brasília: Presidência da República, 2017.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO – CIMI. **As violências contra os povos indígenas em Mato Grosso do Sul e as resistências do bem viver por uma terra sem males (dados 2003-2010).** Mato Grosso do Sul: CIMI, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004. 107 p.

GALVÃO, Tatiana. O hip-hop e as novas perspectivas de mobilização social. . **Revista Cultura Crítica**, São Paulo, n 14, p. 80 – 85, 2º semestre de 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE (Rio de Janeiro). **Os indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça**. Rio de Janeiro, 2012. 31 p. Disponível em: <[https://ww2.ibge.gov.br/indigenas/indigena\\_censo2010.pdf](https://ww2.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf)>. Acesso em: 27 ago. 2018.

MARQUES, Walker. **Corubo - Discografia**. 2015. Disponível em: <<http://warriorsofthemetallhorde.blogspot.com/2015/03/corubo-discografia.html>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

MELATTI, Julio Cezar. **O índio na história: o povo Tenetehara em busca da liberdade**. Rev. Antropol., São Paulo , v. 46, n. 1, p. 259-269, 2003 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-770120030001000007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-770120030001000007&lng=en&nrm=iso)>. access on 03 July 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-770120030001000007>.

MENEZES, Ana Paula. **COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS – HISTÓRIA, MEMÓRIA**: considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados. História em Reflexão, Dourados, v. 5, n. 9, p.1-16, Não é um mês valido! 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/HP/Downloads/1165-3025-1-PB.pdf>>. Acesso em: 19 de junho de 2018.

MONTGOMERY, Tuyaa. **Fighting Colonialism With Crushing Riffs: A Profile Of Worldwilde Indigenous Metal**. 2018. Disponível em: <<https://astralnoizeuk.com/2018/03/05/fighting-colonialism-with-crushing-riffs-a-profile-of-worldwide-indigenous-metal/>>. Acesso em: 27 out. 2018.

NAVARRO, C. **Tem aldeia no hip hop**. **Brasil de Fato**, São Paulo, 21 out. 2011.

OLIVEIRA, Ariadne Freitas Bianchi de. **Hip Hop como mediação cultural para povos indígenas**. 2014. 12 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Intercom, João Pessoa, 2014. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-1374-1.pdf>>.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. **O suicídio entre os Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul**. 2011. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/artigos/o-suicidio-entre-os-kaiowa-e-guarani-em-mato-grosso-do-sul>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

PAULETTI, Maucir et al. Povo Guarani e Kaiowá: uma história de luta pela terra no Estado de Mato Grosso do Sul. In: CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO REGIONAL MATO GROSSO DO SUL (org.) et al. **Conflito de direitos sobre as terras Guarani Kaiowá no estado do Mato Grosso do Sul**. São Paulo: Palas Atenas, 2000. p 45–92.

PENA, Rodolfo F. Alves. **"11 de outubro – Fundação do Mato Grosso do Sul"**; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/mato-grosso-sulfundacao.htm>>. Acesso em 29 de junho de 2018.

POSTALI, T. O hip-hop estadunidense e a tradução cultural brasileira. **Revista Cultura Crítica**, São Paulo, n 14, p7 – 15, 2º semestre de 2011.

RIO DE JANEIRO. CUFA. . CUFA. 2018. Disponível em: <<https://www.cufa.org.br/sobre.php>>. Acesso em: 23 out. 2018.

SALLES, Luciana. **Colônia Agrícola Nacional de Dourados - CAND - Vila São Pedro - Dourados - MS.** 2011. Disponível em: <<http://geografiaagrariaufgdluciana.blogspot.com/2011/11/colonia-agricola-nacional-de-dourados.html>>. Acesso em: 19 de junho de 2018.

SANTOS, Thais Maia dos. **GRAFITE: A LEITURA DOS MUROS.** In: ENECULT - ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 6., 2010, Salvador. **Anais...** . Salvador: Cult/ufba, 2010. p. 01 - 13. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24406.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2018.

SILVA, Daniel Neves. **"O que foi a Guerra do Paraguai?"**; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-guerra-paraguai.htm>>. Acesso em 27 de agosto de 2018.

SOUSA, Rafael Lopes de. As vozes da África: o gueto forja sua cultura. **Revista Cultura Crítica**, São Paulo, n 14, p. 25 – 37, 2º semestre de 2011.

STALDONI, Luísa Schenato. **Culturas Underground em Midiatização1 Underground Cultures in Mediatization (Whiplash site).** In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM MIDIATIZAÇÃO E PROCESSOS SOCIAIS, 2., 2018, São Leopoldo. **Anais...** . São Leopoldo: Unisinos, 2018. v. 2, p. 01 – 07.

STOPPA, Edmur Antonio. **“TÁ LIGADO MANO”: o hip-hop como lazer e busca da cidadania.** 2005. 143 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Cap. 02.

URT, João Nackle. **ASSUNTOS INACABADOS: RELAÇÕES INTERNACIONAIS E A COLONIZAÇÃO DOS POVOS GUARANI E KAIOWÁ NO BRASIL CONTEMPORÂNEO.** 2015. 296 f. Tese (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

## ENTREVISTAS REALIZADAS

- 1) VERON, Bruno. Entrevista: Bruno Veron. Fundador, líder e integrante do grupo de rap Brô MC's. Entrevista concedida a Victor Augusto Dejard Mendonça da Rocha em Dourados, em 27 de junho de 2017.
- 2) VERON, Clemerson. Entrevista: Clemerson Veron. Integrante do grupo de rap Brô MC's. Entrevista concedida a Victor Augusto Dejard Mendonça da Rocha em Dourados, em 27 de junho de 2017.
- 3) PEIXOTO, Charlie. Entrevista: Charlie Peixoto. Integrante do grupo de rap Brô MC's. Entrevista concedida a Victor Augusto Dejard Mendonça da Rocha em Dourados, em 27 de junho de 2017.
- 4) PEIXOTO, Kelvin. Entrevista: Kelvin Peixoto. Integrante do grupo de rap Brô MC's. Entrevista concedida a Victor Augusto Dejard Mendonça da Rocha em Dourados, em 27 de junho de 2017.